

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 33 • 2023



Editor científico: João Luís Cardoso

CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
2023

Estudos Arqueológicos de Oeiras é uma revista de periodicidade anual, publicada em continuidade desde 1991, que privilegia, exceptuando números temáticos de abrangência nacional e internacional, a publicação de estudos de arqueologia da Estremadura em geral e do concelho de Oeiras em particular, sem prejuízo daqueles que possam valorizar o conhecimento das antiguidades oeirenses, para além de contributos sobre a História da Arqueologia e de comunicações apresentadas a reuniões científicas organizadas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras/Câmara Municipal de Oeiras.

Possui um Conselho Assessor do Editor Científico, assim constituído:

- Dr. Luís Raposo (Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa)
- Professor Doutor Nuno Bicho (Universidade do Algarve)
- Professor Doutor Alfredo Mederos Martín (Universidade Autónoma de Madrid)
- Professor Doutor Martín Almagro Gorbea (Universidade Complutense de Madrid)
- Professora Doutora Raquel Vilaça (Universidade de Coimbra)
- Professor Doutor Jorge de Oliveira (Universidade de Évora)

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 33 • 2023 ISSN: 0872-6086

DOI: 10.5281/zenodo.10402373

EDITOR CIENTÍFICO – João Luís Cardoso
DESENHO E FOTOGRAFIA – Autores ou fontes assinaladas
PRODUÇÃO – Gabinete de Comunicação / CMO
CORRESPONDÊNCIA – Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras
Fábrica da Pólvora de Barcarena
Estrada das Fontainhas
2730-085 BARCARENA

Os artigos publicados são da exclusiva responsabilidade dos Autores.
É expressamente proibida a reprodução de quaisquer imagens sobre as quais existam direitos de autor sem o prévio consentimento dos signatários dos artigos respectivos.

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E

REVISÃO DE PROVAS – João Luís Cardoso e Autores

PAGINAÇÃO – César Antunes

IMPRESSÃO E ACABAMENTO – Grificamares, Lda. - Amares - Tel. 253 992 735

DEPÓSITO LEGAL: 97312/96

A LAPA DA BUGALHEIRA (TORRES NOVAS): REVISÃO DOS ESPÓLIOS RECUPERADOS NA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA ALI REALIZADA EM 1941

LAPA DA BUGALHEIRA (TORRES NOVAS): REVIEW OF THE REMAINS RECOVERED IN THE ARCHAEOLOGICAL INTERVENTION CARRIED OUT THERE IN 1941

João Luís Cardoso¹ & Filipe Martins²

Abstract

A review of the archaeological artifacts collected in the first archaeological intervention in 1941 at the necropolis of Lapa da Bugalheira (Torres Novas) preserved at the Geological Museum (LNEG) is presented, completed by a set of new radiocarbon dates, which attest to the use of the funerary space during the Early Neolithic, the Middle Neolithic, the Late Neolithic and Chalcolithic, confirmed by its typology.

Keywords: Lapa da Bugalheira; necropolis; Neolithic, Chalcolithic, Radiocarbon.

1 – INTRODUÇÃO

A realização deste trabalho foi consequência da publicação recente do estudo de um conjunto de falanges afeiçoadas que até então se mantiveram globalmente inéditas (CARDOSO, 2023). Todos os exemplares, correspondentes a primeiras falanges de cavalo e a uma primeira falange de boi doméstico, transformados por polimento mais ou menos acentuado em ídolos calcólicos de morfologia antropomórfica, foram reunidos em sector circunscrito do lado direito da entrada da gruta. Poderiam assim constituir um altar ou, de forma mais genérica, uma acumulação de natureza votiva, relacionada, conforme foi admitido no referido estudo, de oferendas que, sucessivamente, eram ali depositadas ritualmente aquando da realização de visitas à gruta por parte das sucessivas comunidades que habitaram a região no decurso da segunda metade do 3.º milénio a. C. O estudo deste conjunto de carácter ritual, deveria ser prosseguido pela análise da totalidade dos espólios recuperados no decurso da primeira intervenção arqueológica realizada na gruta em 1941, os quais tinham sido anteriormente apenas objecto de publicação sumária (PAÇO; ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971), por forma a ser possível estabelecer o adequado enquadramento do conjunto ritual calcólico constituído pelos

¹ Professor Catedrático da Universidade Aberta (Lisboa). Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras) ICAREHB (Universidade do Algarve). cardoso18@netvisao.pt

² Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras (Câmara Municipal de Oeiras).

ídolos-falange no conjunto da ocupação funerária da cavidade. Foi a este objectivo, que exigiria também a realização de um conjunto de datações de radiocarbono com base em amostras antropológicas criteriosamente seleccionadas, que este estudo pretendeu dar resposta.

2 - LOCALIZAÇÃO E CONDIÇÕES GEOLÓGICAS

A Lapa da Bugalheira localiza-se no limite sul do Maciço Calcário Estremenho, nos contrafortes da serra de Aire, numa escarpa de falha com cerca de 75 metros de altura, localmente conhecida como “Arrife do Almonda” (Fig. 1). É nesta escarpa que se abre, em calcários do Dogger, a cavidade cársica que será objecto deste estudo (Fig. 2). A gruta apresenta-se baixa, com cerca de 1 m de altura e menos de 2 m de largura máxima, possuindo as seguintes coordenadas: Latitude: 39°29'57N; Longitude: 8°37'10”W; Altitude: 166m.

A gruta é constituída por duas salas: a sala escavada por Afonso do Paço e colaboradores, em 1941, através da qual se entra hoje na cavidade, e a “Sala do Ricardo”, mais interior, acessível através de um corredor estreito, desobstruído na década de 80 do século XX (RODRIGUES & ZILHÃO, 2021) (Fig. 3).

3 - HISTÓRIA DAS INVESTIGAÇÕES

Os primeiros trabalhos arqueológicos efectuaram-se em finais de janeiro de 1941. Tal é a data que se encontra indicada no primeiro estudo dedicado aos trabalhos arqueológicos então realizados (PAÇO, VAULTIER & ZBYSZESWSKI, 1942, p. 117) (Fig. 4), ou em fevereiro do mesmo ano, conforme se indica na publicação mais recente em que participaram dois daqueles autores (PAÇO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971, p. 24).

O interesse arqueológico da gruta resultou de informação dada localmente à mesma equipa, que na altura escavava a gruta da nascente do Almonda, situada a cerca de 1 km de distância, constituída por Afonso do Paço, Maxime Vaultier, Georges Zbyszewski e Augusto de Melo Nogueira. Tal informação motivou uma investigação preliminar junto da entrada da cavidade, em novembro de 1940, que confirmou o seu interesse arqueológico.

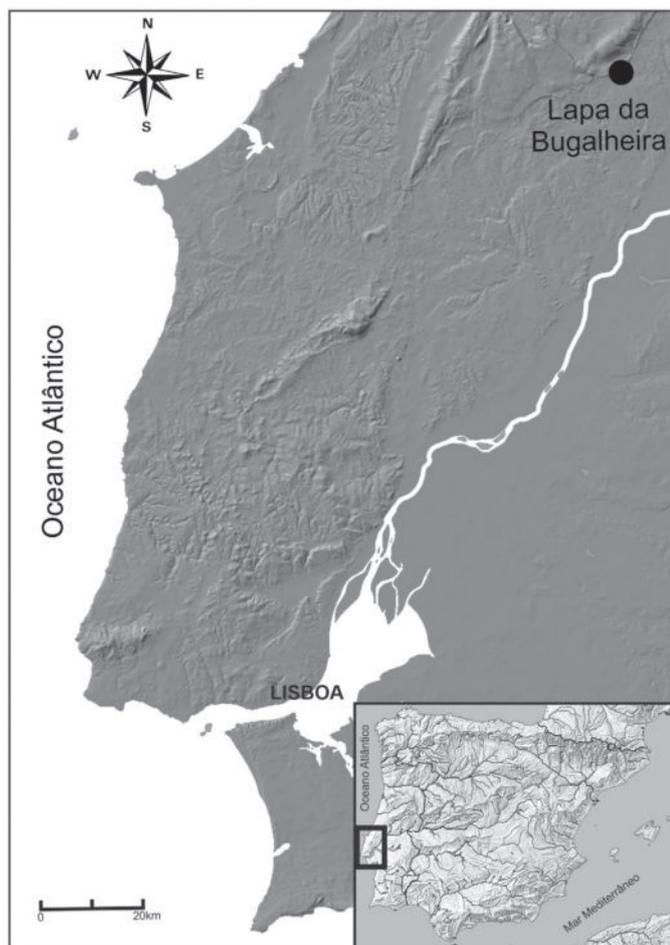


Fig. 1 – Localização da Lapa da Bugalheira no território português.

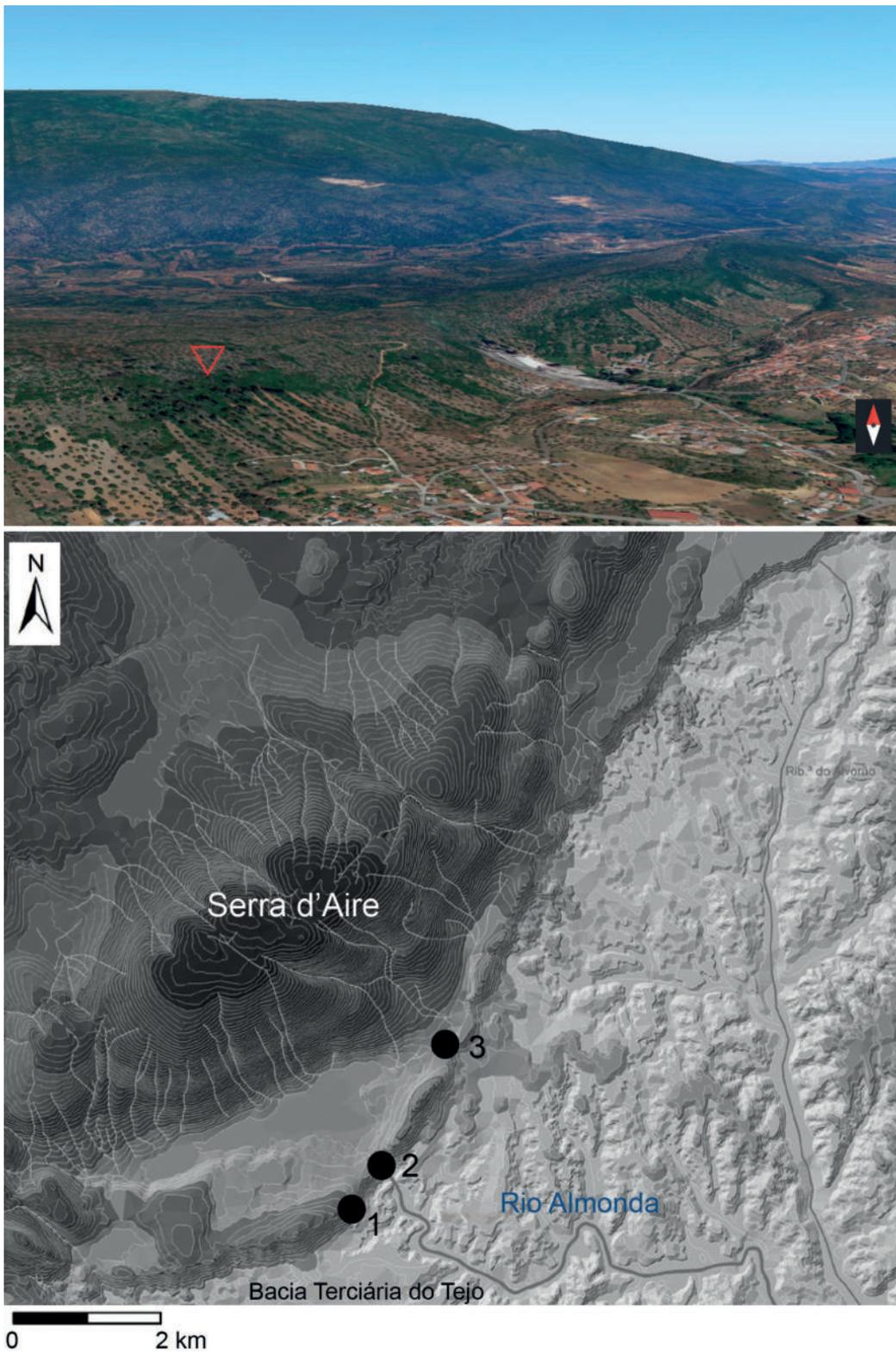
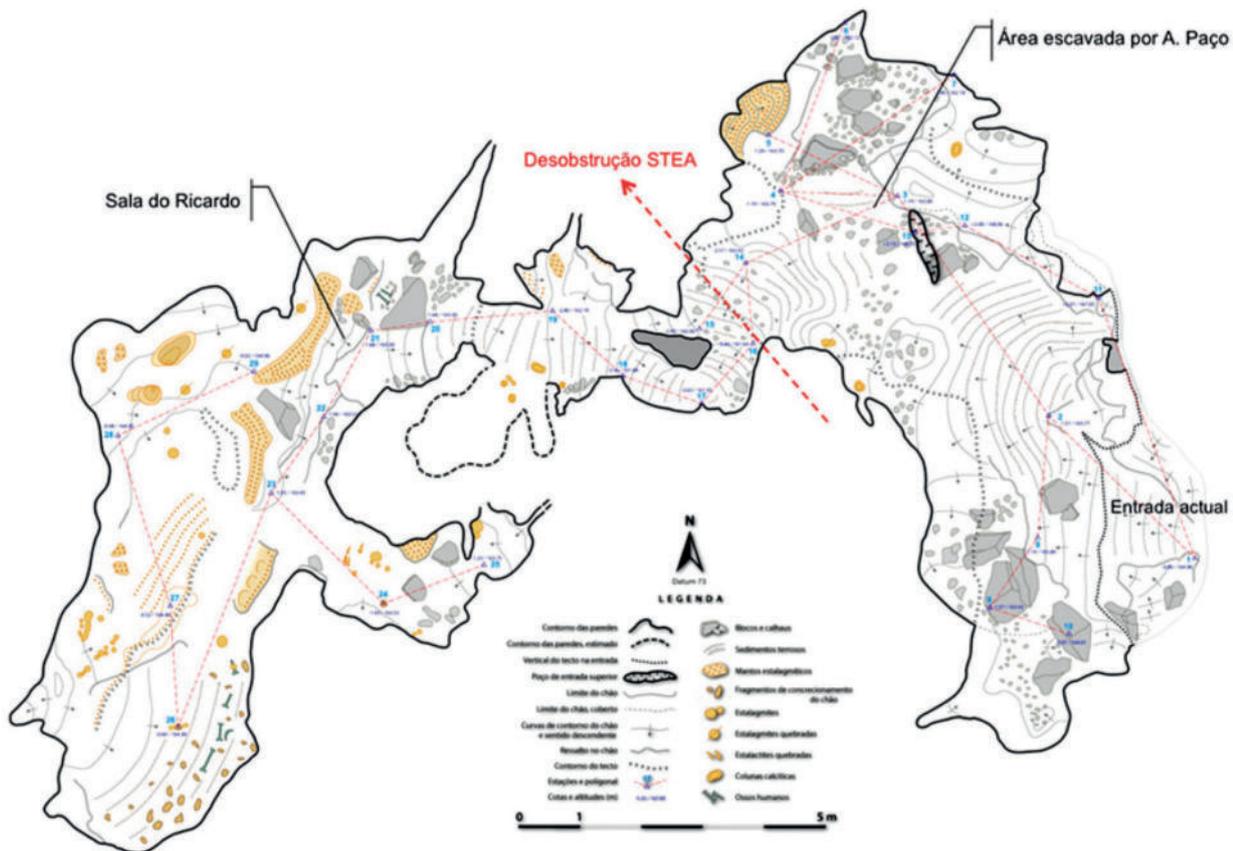


Fig. 2 – Em cima: localização da Lapa da Bugalheira em imagem Google Earth; em baixo: planta com a localização geográfica das seguintes grutas - necrópoles: 1 – Lapa da Bugalheira; 2 – Galeria da Cisterna (Gruta do Almonda); 3 – Algar do Picoto (planta adaptada e modificada de RODRIGUES *et al.*, 2020).



Autoria: J.A. Crispim & P. Marote/ SPE/ 2019

Fig. 3 – Lapa da Bugalheira. Planta com a indicação da área escavada por Afonso do Paço, a área desobstruída pela STEA e a Sala do Ricardo. Planta: J. A. Crispim e P. Marote, SPE, adaptado de RODRIGUES & ZILHÃO, 2021.

A exploração, logo depois realizada, com o apoio de operários da fábrica de papel “A Renova”, graças ao interesse manifestado pelos seus proprietários, conduziu à desobstrução da pequena entrada e à exploração parcial da primeira e única sala então conhecida da cavidade (Fig. 5 e Fig. 6). De tais trabalhos resultou a recolha de apreciável conjunto de artefactos pré-históricos, que já evidenciava a diacronia da ocupação funerária da cavidade, misturados com espólios de cronologia histórica, brevemente publicados na primeira notícia dos trabalhos efectuados (PAÇO, VAULTIER & ZBYSZEWSKI, 1942).

Retirada a camada com materiais modernos remexidos, em trincheira realizada desde a entrada ao fundo da gruta, atingiu-se, a cerca de 2 m de profundidade, uma camada com abundantes ossos humanos: “Escavando pouco a pouco esta camada ossífera, constatámos a existência de bastantes esqueletos, alguns dos quais se achavam enterrados nas anfractuosidades da rocha e outros na parte central da gruta e cobertos por pequenas lajes de calcário, numa posição que nos pareceu a de dobrados sobre si mesmos” (op. cit, p. 117).

Foi certamente graças à importância destes achados que se terá devido a classificação da gruta, em 1946 como Imóvel de Interesse Público pelo Decreto n.º 35817 (DG, I Série, n.º 187, de 20 de Agosto).

Os espólios recuperados em 1941 mantiveram-se inéditos nas três décadas seguintes, apesar de, em 1956, ter sido apresentada uma comunicação sobre os mesmos, da qual foi apenas publicada o resumo (PAÇO, VAULTIER & ZBYSZEWSKI, 1956). Com efeito, foi apenas após o falecimento de Afonso do Paço que, tendo sido encontrado entre os seus papéis o estudo inédito respeitante à gruta, que se decidiu proceder à sua publicação, a que se juntou, como autor, O. da Veiga Ferreira (PAÇO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971). Para além

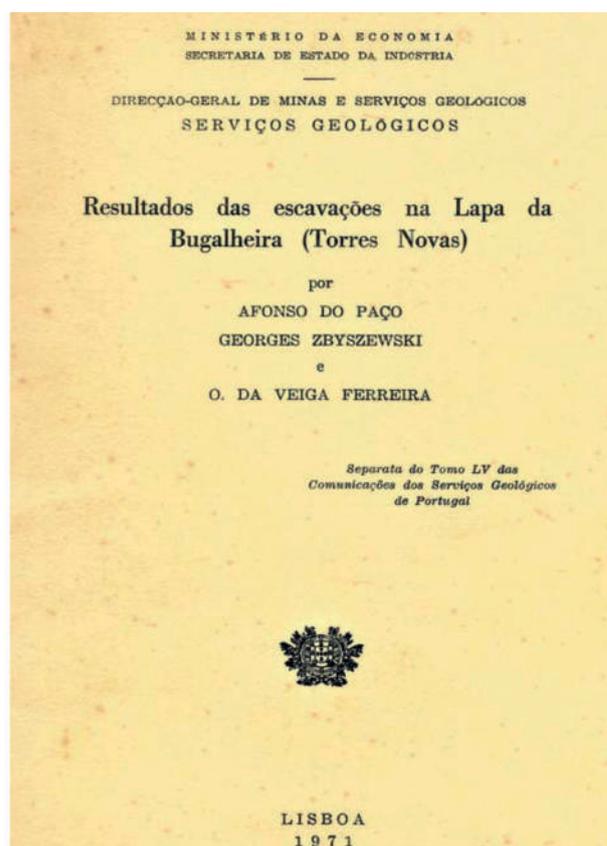
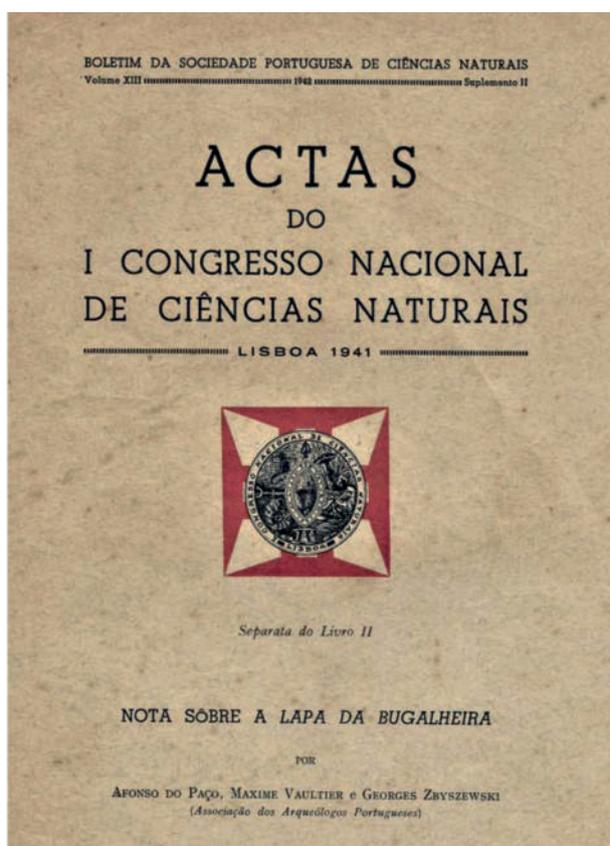


Fig. 4 – À esquerda: capa da separata da primeira publicação dedicada à Lapa da Bugalheira (col. JLC). À direita: capa da separata da publicação dos resultados obtidos na campanha de escavações de 1941 da Lapa da Bugalheira (col. JLC).

de se ter publicado a planta e o alçado da sala principal (Fig. 6), a única então conhecida, bem como a distribuição em planta de alguns espólios recolhidos (Fig. 7) apresentaram-se diversas observações de interesse, no respeitante ao número de inumados, que foi estimado em cerca de dez indivíduos, de diversas idades.

No entanto, uma breve inspecção dos restos humanos presentemente conservados no Museu geológico indica um número significativamente superior de indivíduos tumulados, cuja quantificação é dificultada pelo assinalável estado de fragmentação dos ossos, como aliás já tinha sido observado pelos escavadores: só extremidades proximais de rádios direitos se contabilizaram 13 exemplares, conforme observação do primeiro signatário de 15 de março de 2023, os quais foram já objecto de inventário recentemente efectuado por M. H. Gomes (GOMES, 2022).

Os indivíduos teriam sido essencialmente colocados em posição fetal encostados à parede da gruta, conforme declaram os escavadores de 1941 (op. cit., p. 40).

Também no tocante a alguns dos espólios arqueológicos recolhidos as informações por estes apresentadas são interessantes: “Dois esconderijos situados na parede direita da gruta continham lâminas de sílex. Outro esconderijo, na base da parede esquerda, deu um conjunto curioso de ossos de coelho reunidos por categorias: cabeças de um lado, fémures do outro, úmeros de um terceiro, etc.” (op. cit., p. 25).

O espólio considerado mais importante desta primeira intervenção arqueológica foi reproduzido fotograficamente no artigo de 1971, sendo em grande parte atribuído ao Neolítico Final. É ainda de assinalar, entre os espólios exumados em 1941, um conjunto de fragmentos decorados típicos do Neolítico Antigo evolucionado,



Fig. 5 – Lapa da Bugalheira. Vista da entrada na época em que se realizaram as escavações de 1941. Da esquerda para a direita: Afonso do Paço; Georges Zbyszewski (com o livro de campo nas mãos); pessoa não identificada; Padre Eugénio Jalhay. Arquivo de Georges Zbyszewski.



Fig. 6 – Lapa da Bugalheira. Vista da entrada na época em que se realizaram as escavações de 1941. Afonso do Paço e Maxime Vaultier são, respectivamente, o segundo e o terceiro a contar da esquerda. Arquivo de Georges Zbyszewski.

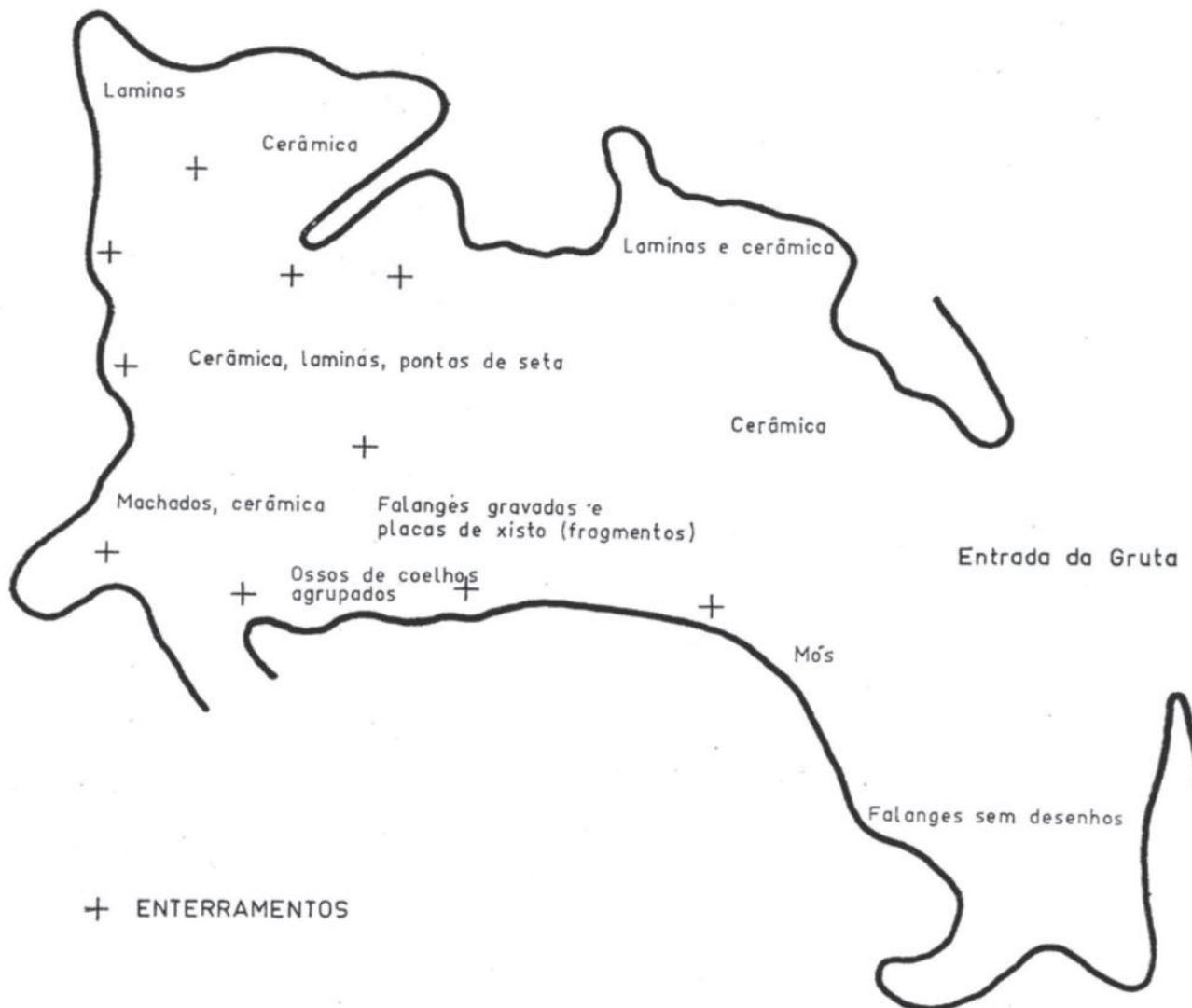


Fig. 7 – Lapa da Bugalheira. Distribuição em planta dos espólios recolhidos nas escavações de 1941 (in PAÇO, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1971, Fig. 2).

que veio a ser completado pelo espólio recolhido nas escavações realizadas a partir de 2019 na zona mais interior desta primeira sala da gruta (RODRIGUES et al., 2020). Tal situação leva a concluir que os materiais do Neolítico Antigo evolucionado recolhidos em 1941 provêm do sector adjacente ao intervencionado em 2019, o qual comunica, através de estreita passagem, com uma sala mais interior, identificada em 1986, a chamada “Sala do Ricardo”. A remoção dos blocos expostos na base da escavação de Afonso do Paço, junto à parede da gruta, revelou uma passagem estreita que permitiu aceder a outra área da cavidade, com cerca de 40 m². Nesta, recolheram-se, em data anterior a 2010, e à superfície, espólios pré-históricos diversos (cerâmicas, materiais de pedra polida e de pedra lascada, adornos), para além de restos humanos, alguns deles datados, que indicam uma presença do Neolítico Médio, destacando-se um magnífico recipiente fechado, com mamilos toneliformes perfurados verticalmente, do tipo Montbollo (NUNES, 2010/2011). Aliás, os dados publicados até ao momento respeitantes a esta nova etapa dos trabalhos, indicam que a “Sala do Ricardo” está fechada desde o Neolítico Médio, não havendo elementos que apontem para ocupações mais recentes naquela área da cavidade (RODRIGUES & ZILHÃO, 2021).

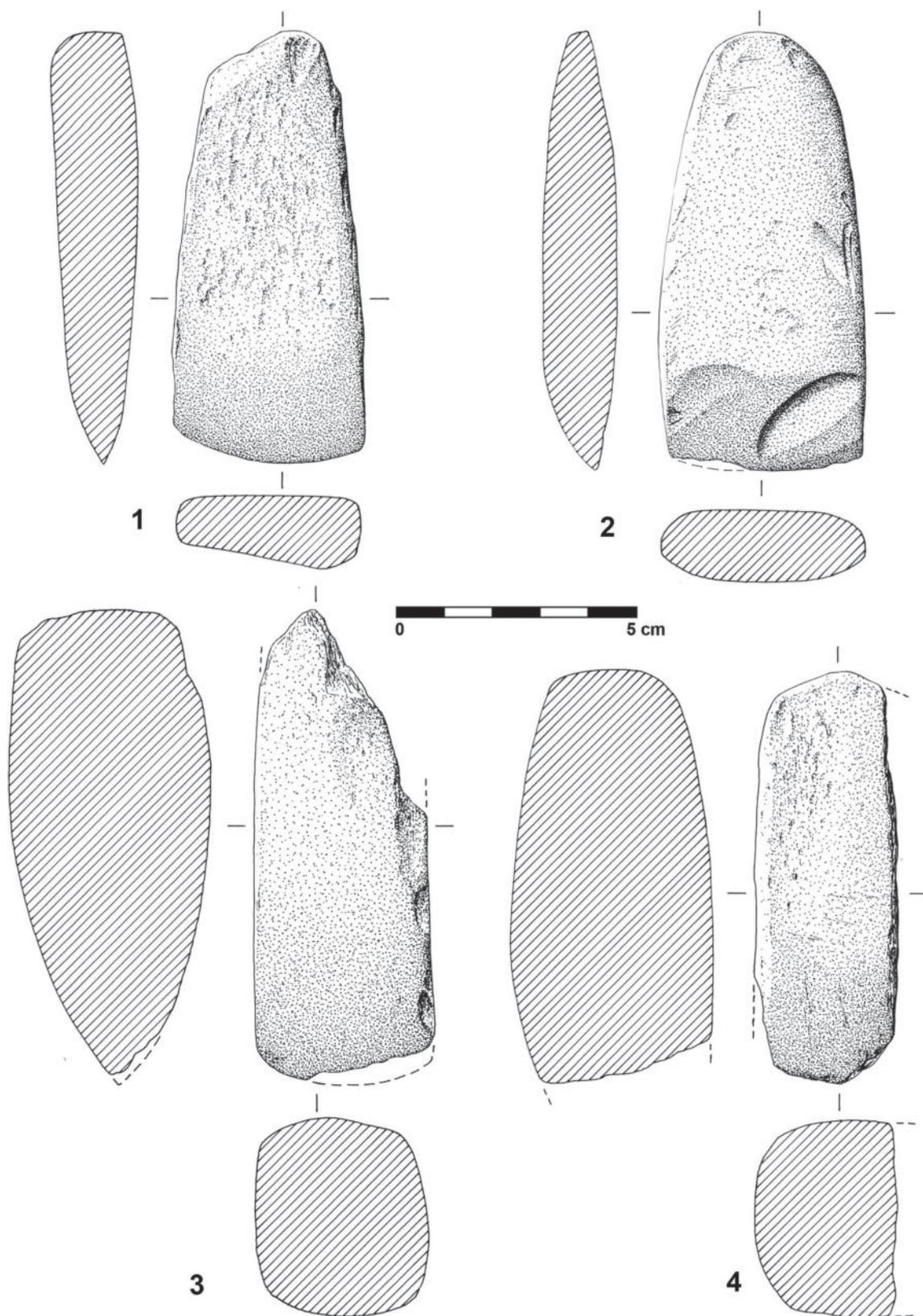


Fig. 8 - Lapa da Bugalheira. Espólios de pedra polida. Desenhos de F. Martins.

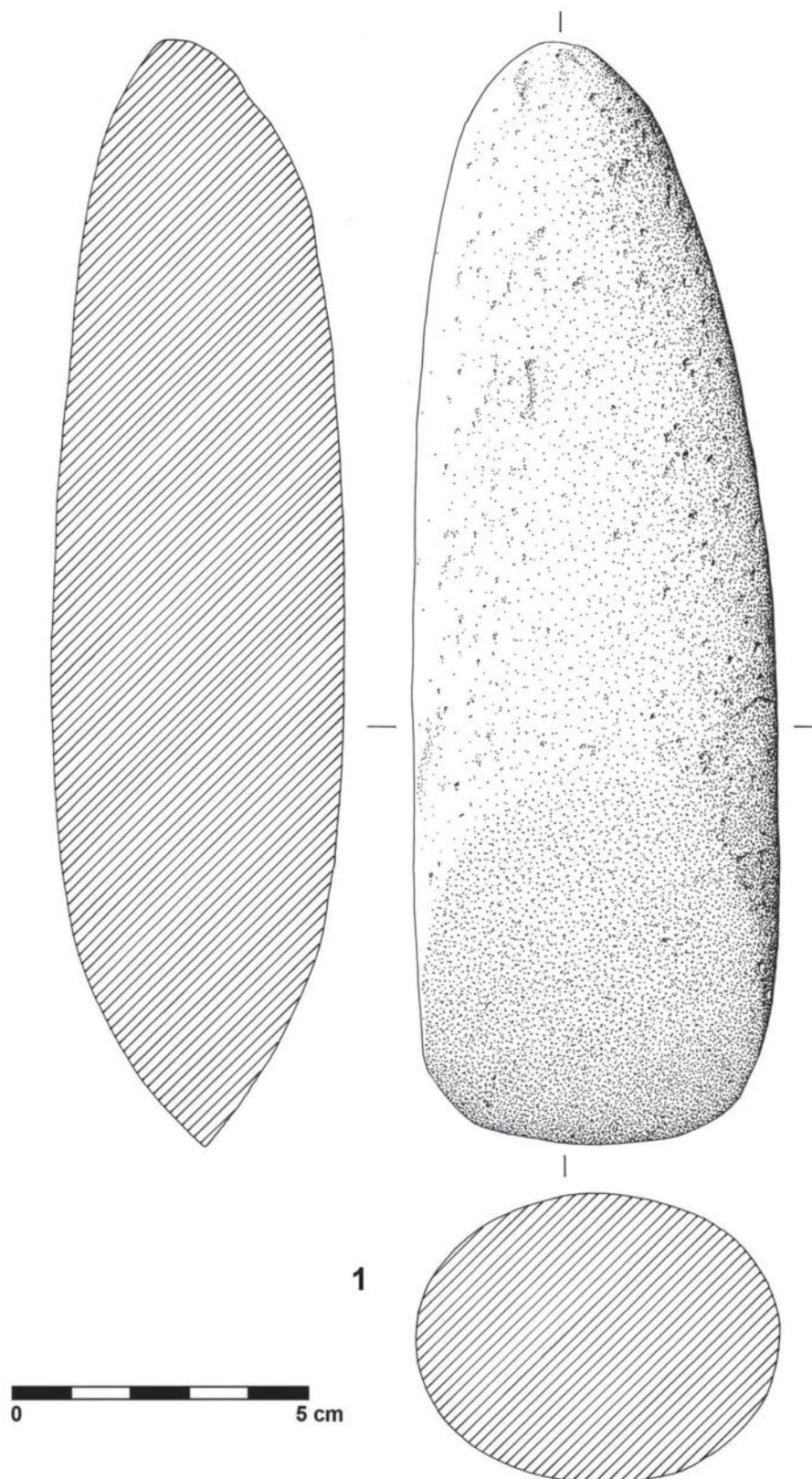


Fig. 9 - Lapa da Bugalheira. Grande machado de pedra polida. Desenhos de F. Martins.

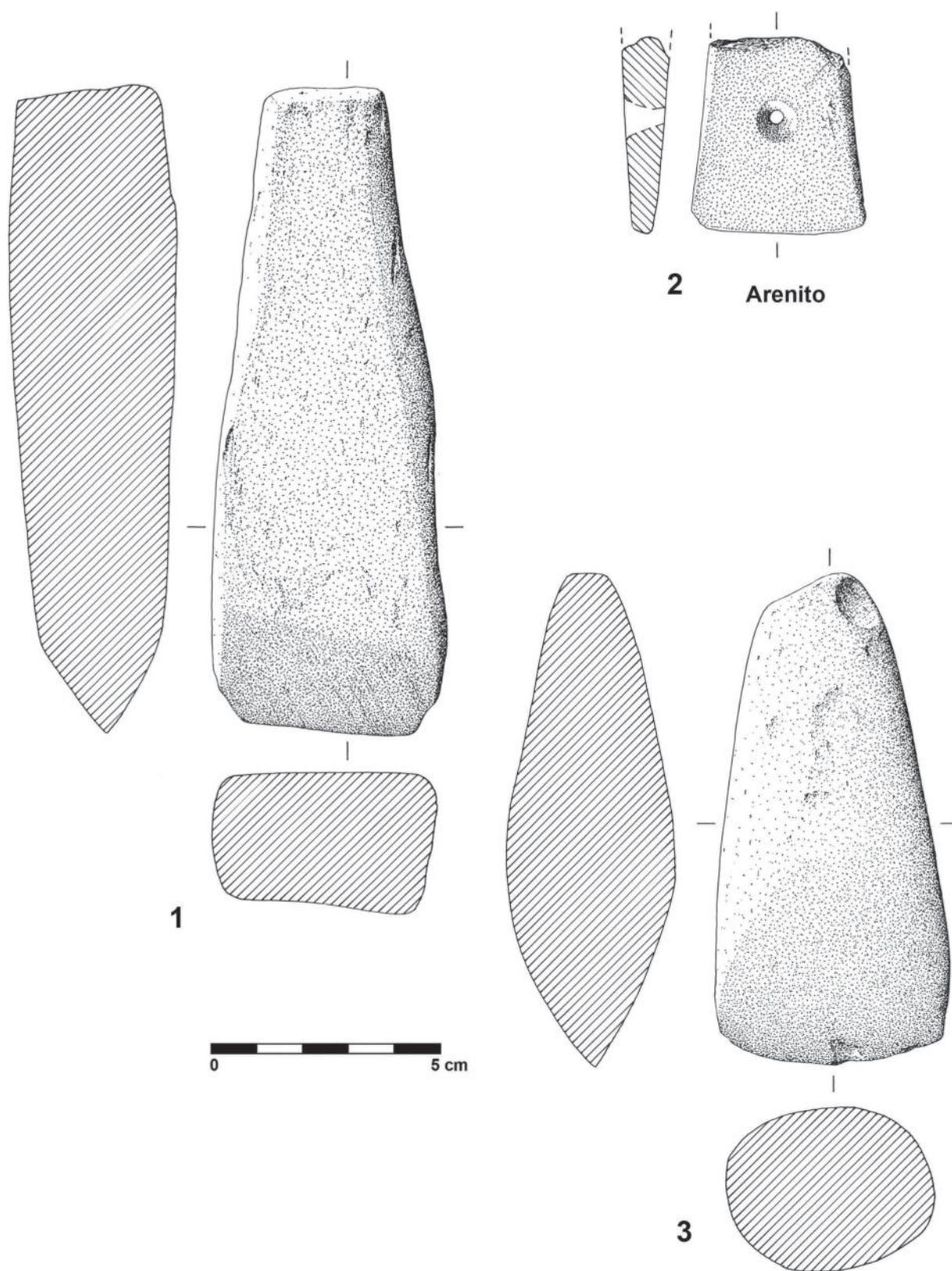


Fig. 10 – Lapa da Bugalheira. Espólios de pedra polida. Desenhos de F. Martins.

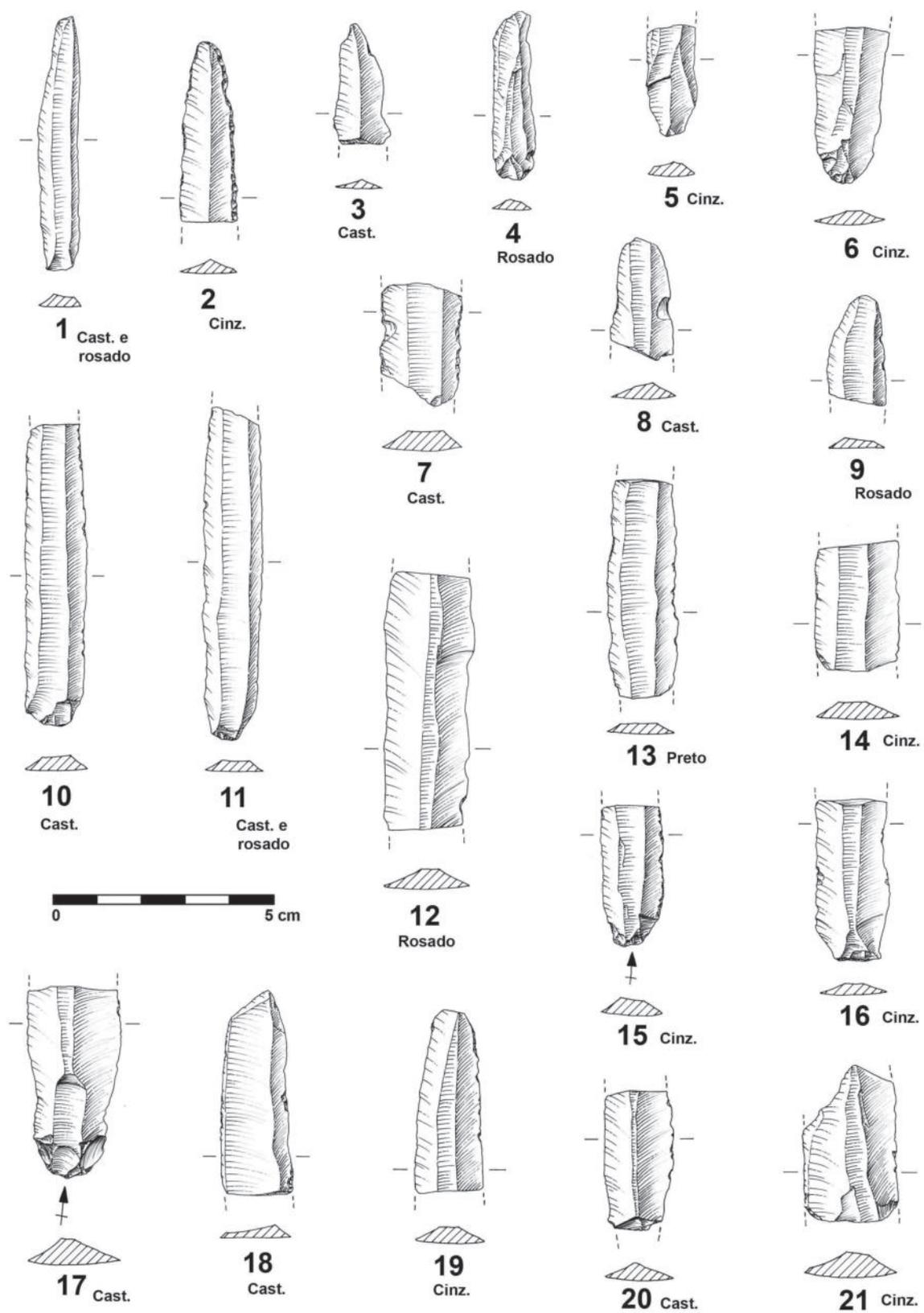


Fig. 11 - Lapa da Bugalheira. Indústrias de pedra lascada: lamelas (1 a 5); lâminas (6 a 21). Desenhos de F. Martins.

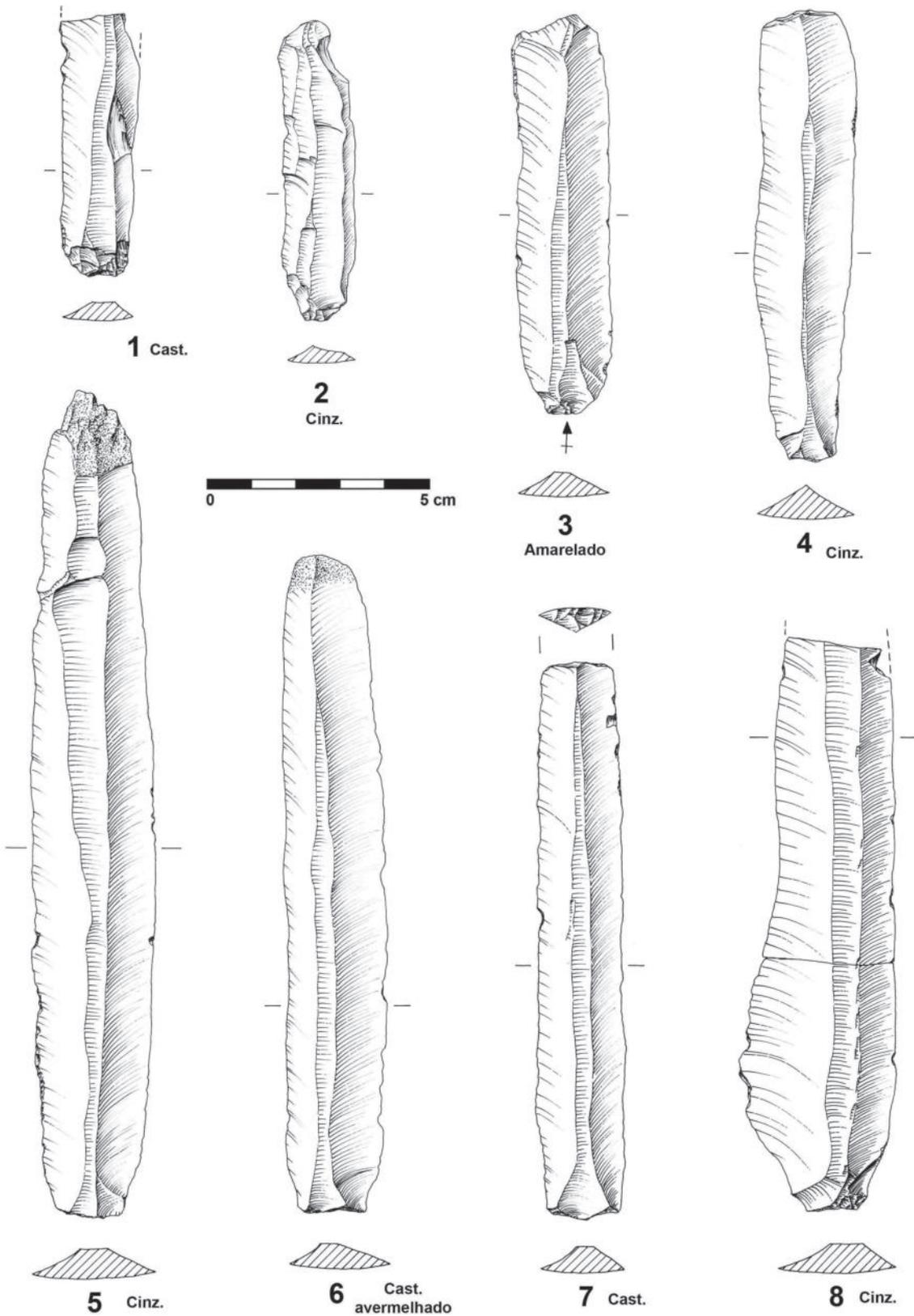


Fig. 12 - Lapa da Bugalheira. Indústrias de pedra lascada (lâminas). Desenhos de F. Martins.

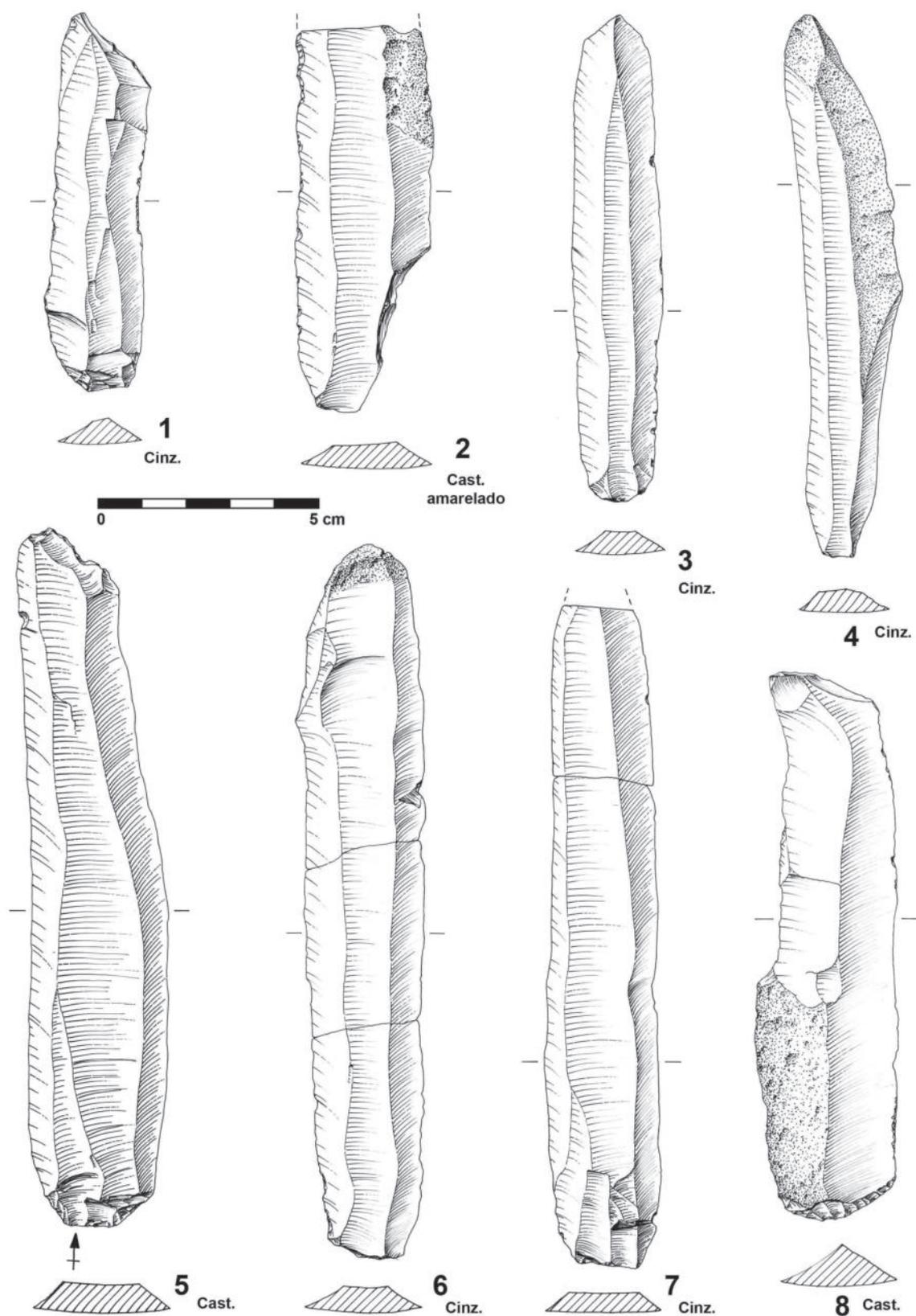


Fig. 13 - Lapa da Bugalheira. Indústrias de pedra lascada (lâminas). Desenhos de F. Martins.

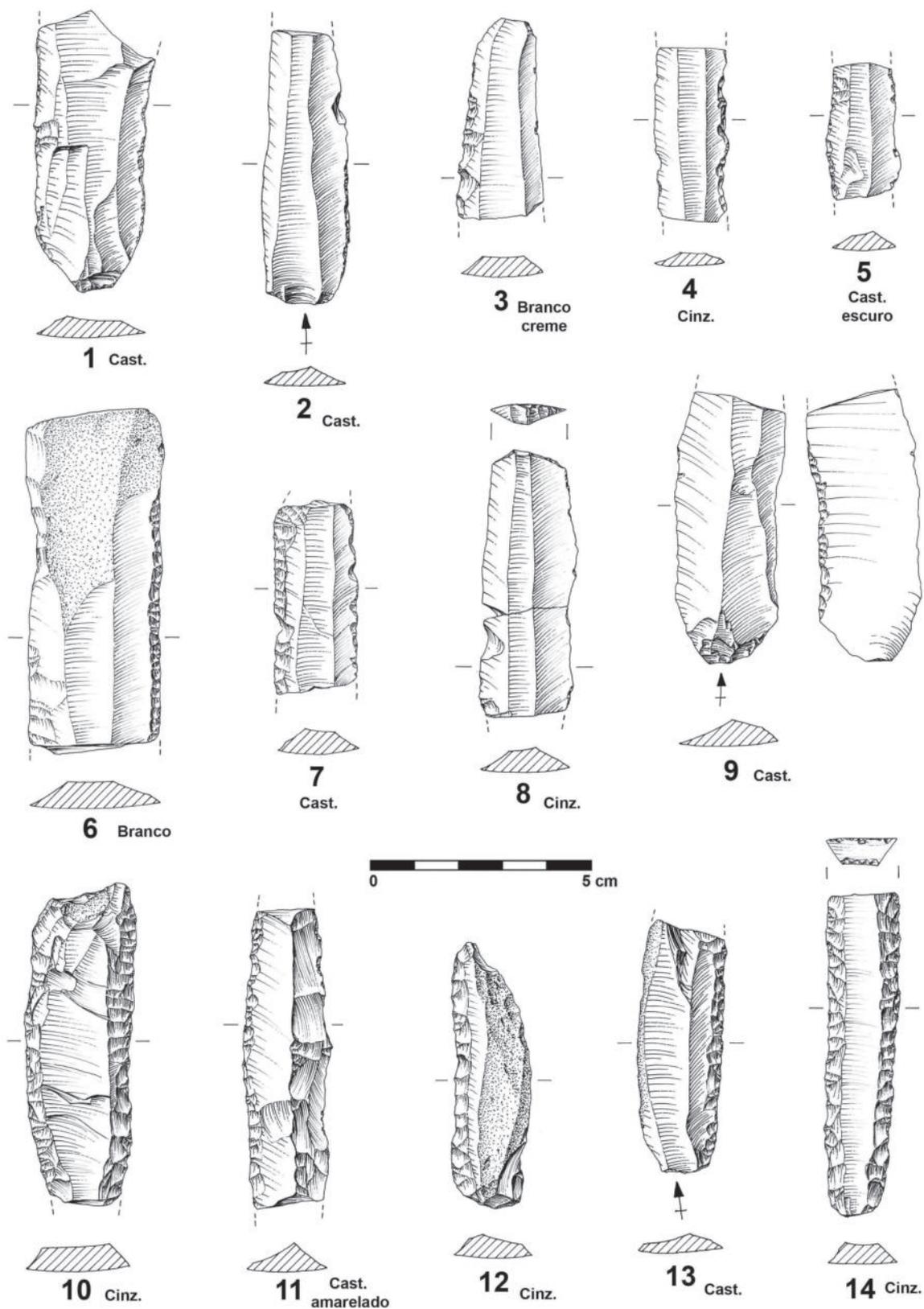


Fig. 14 - Lapa da Bugalheira. Indústrias de pedra lascada (lâminas). Desenhos de F. Martins.

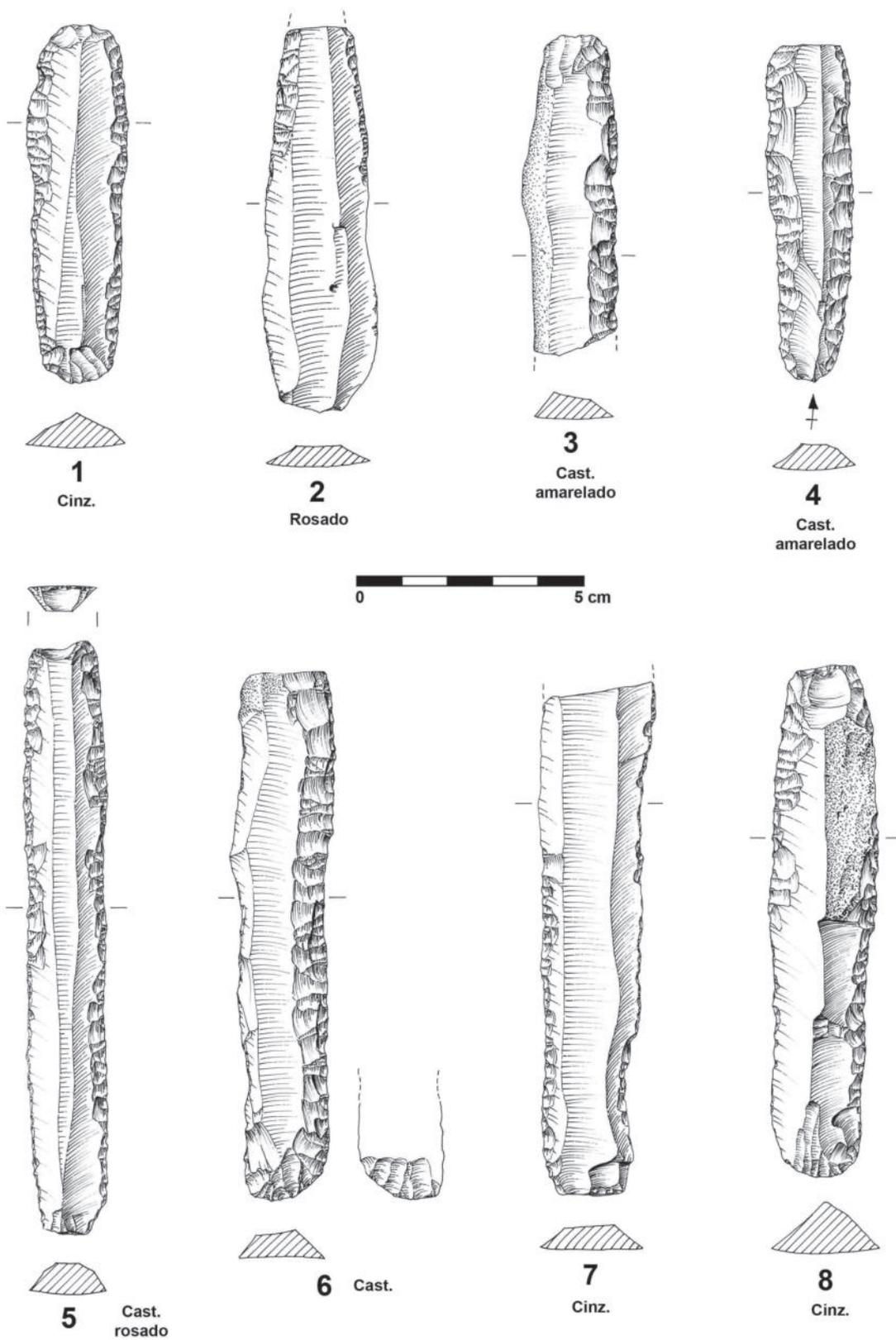


Fig. 15 – Lapa da Bugalheira. Indústrias de pedra lascada (lâminas). Desenhos de F. Martins.

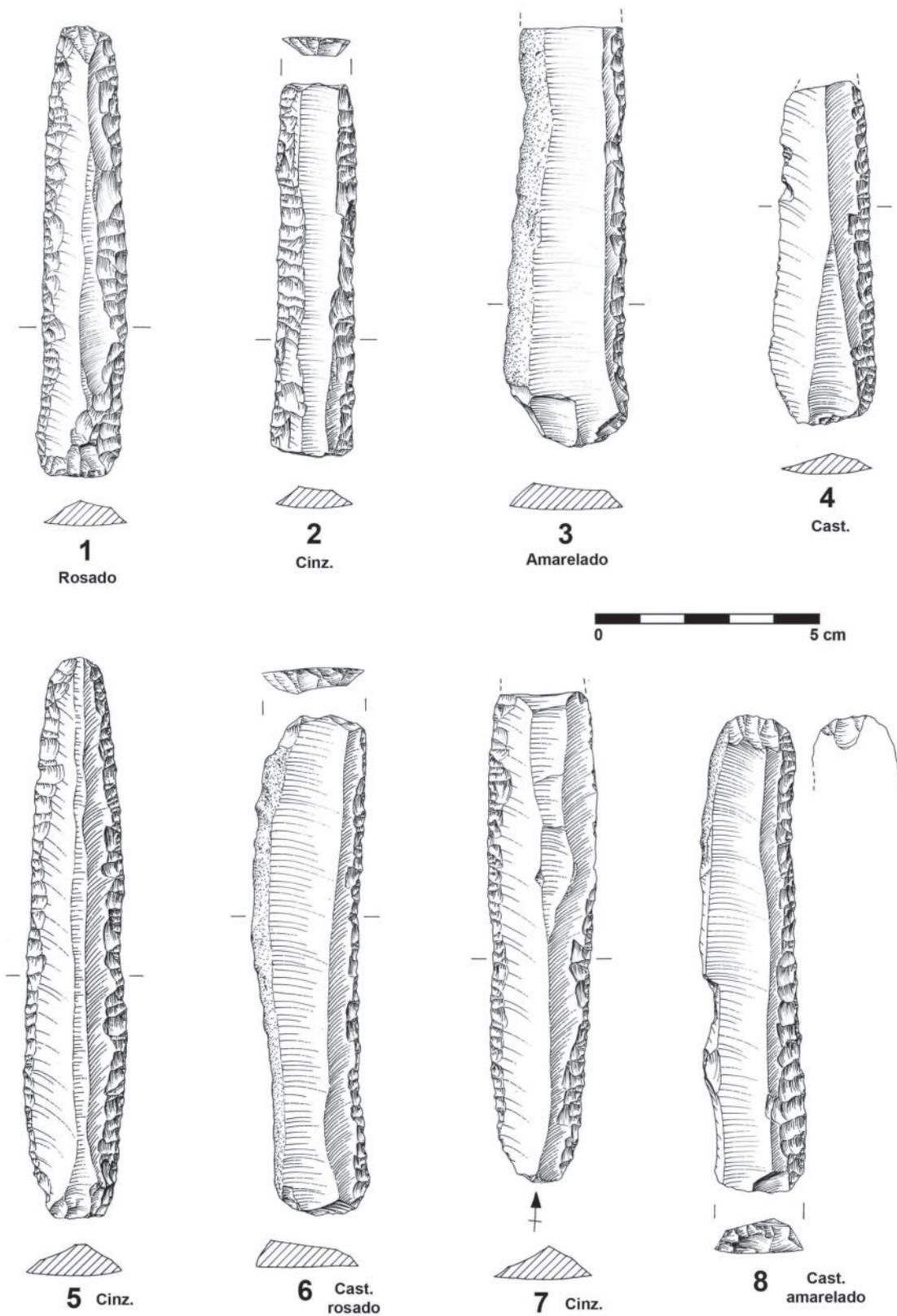


Fig. 16 - Lapa da Bugalheira. Indústrias de pedra lascada (lâminas). Desenhos de F. Martins.

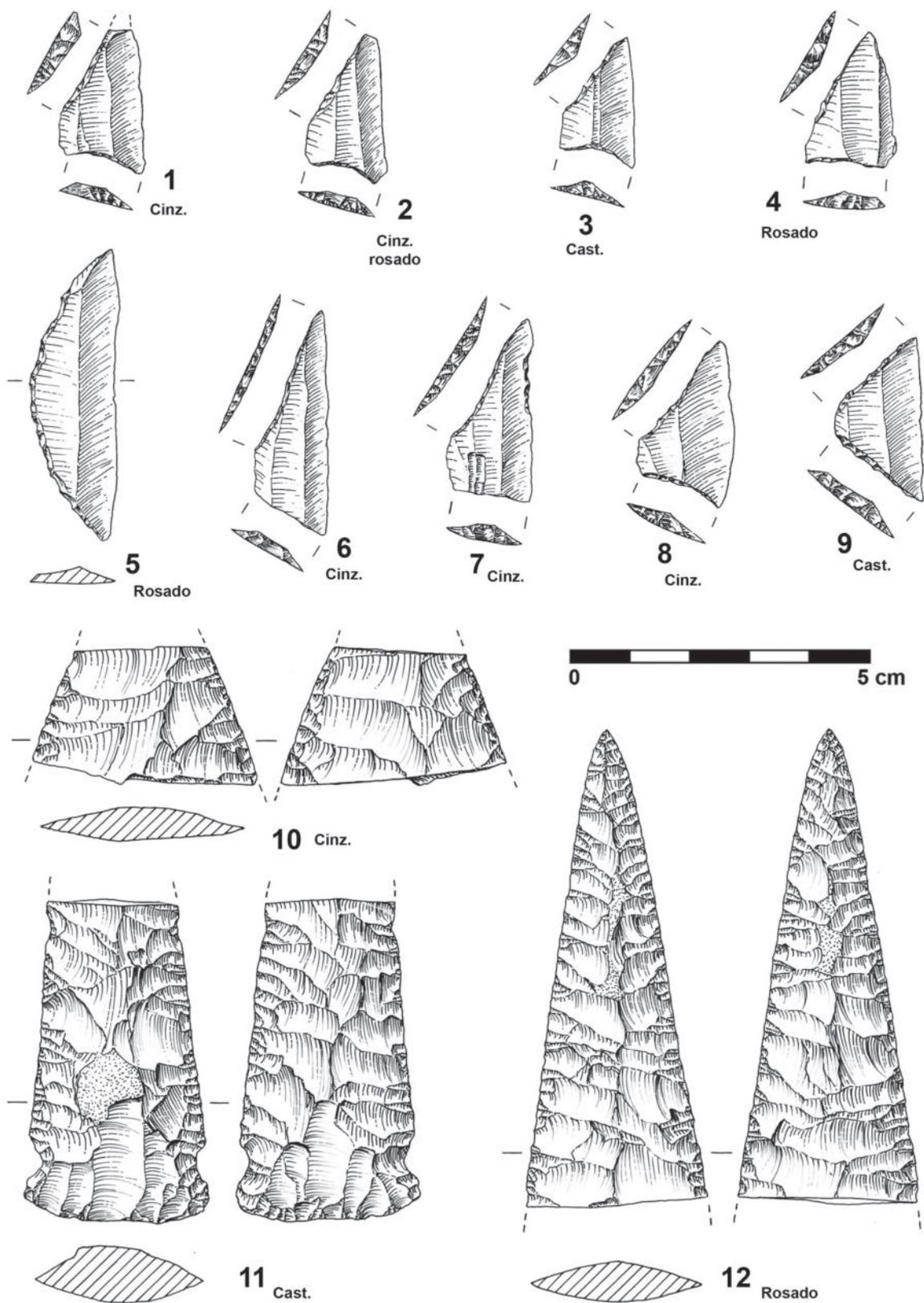


Fig. 17 – Lapa da Bugalheira. Indústrias de pedra lascada: geométricos (1 a 9); punhais e alabardas (10 a 12). Desenhos de F. Martins.

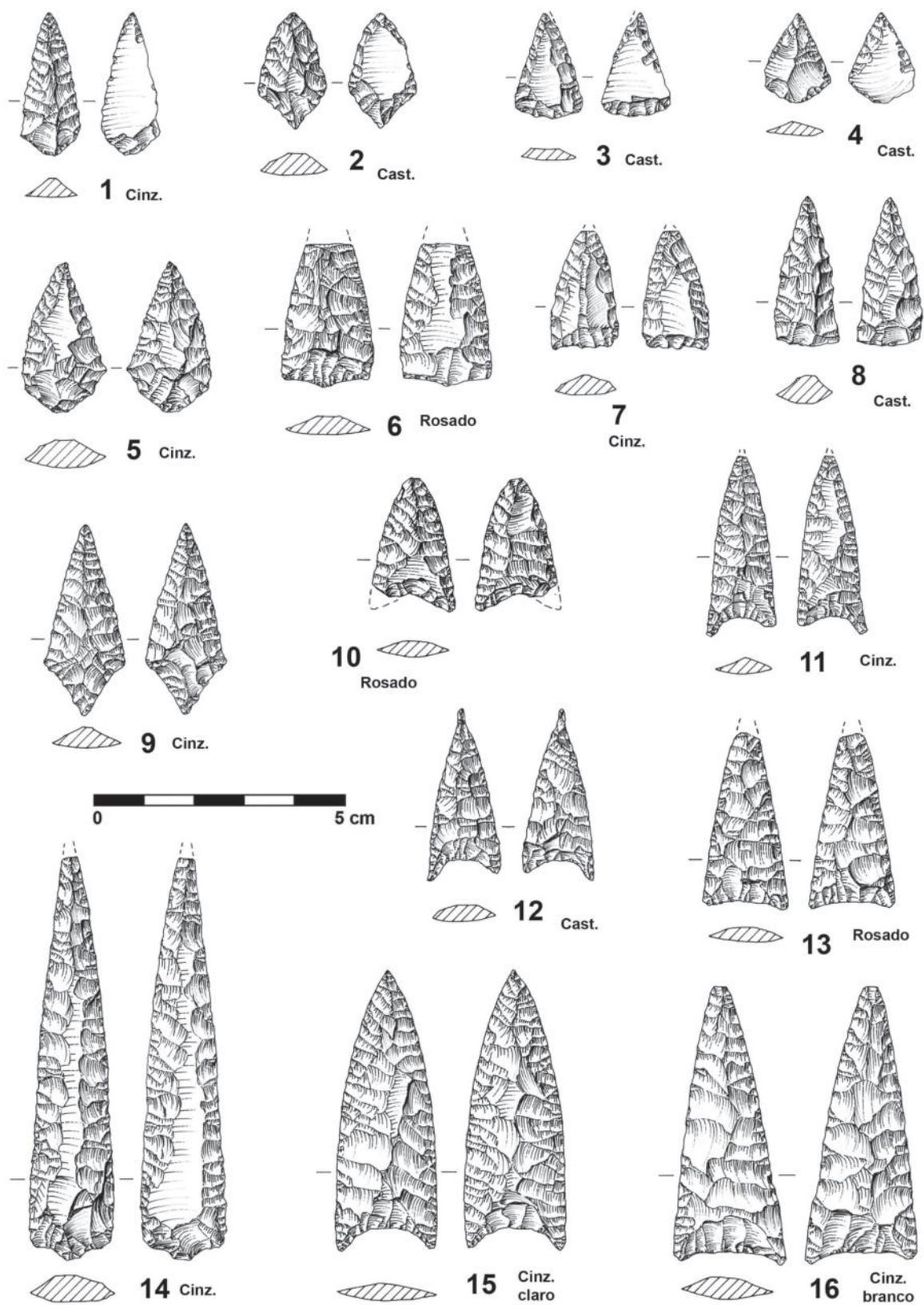


Fig. 18 - Lapa da Bugalheira. Indústrias de pedra lascada (pontas de seta). Desenhos de F. Martins.

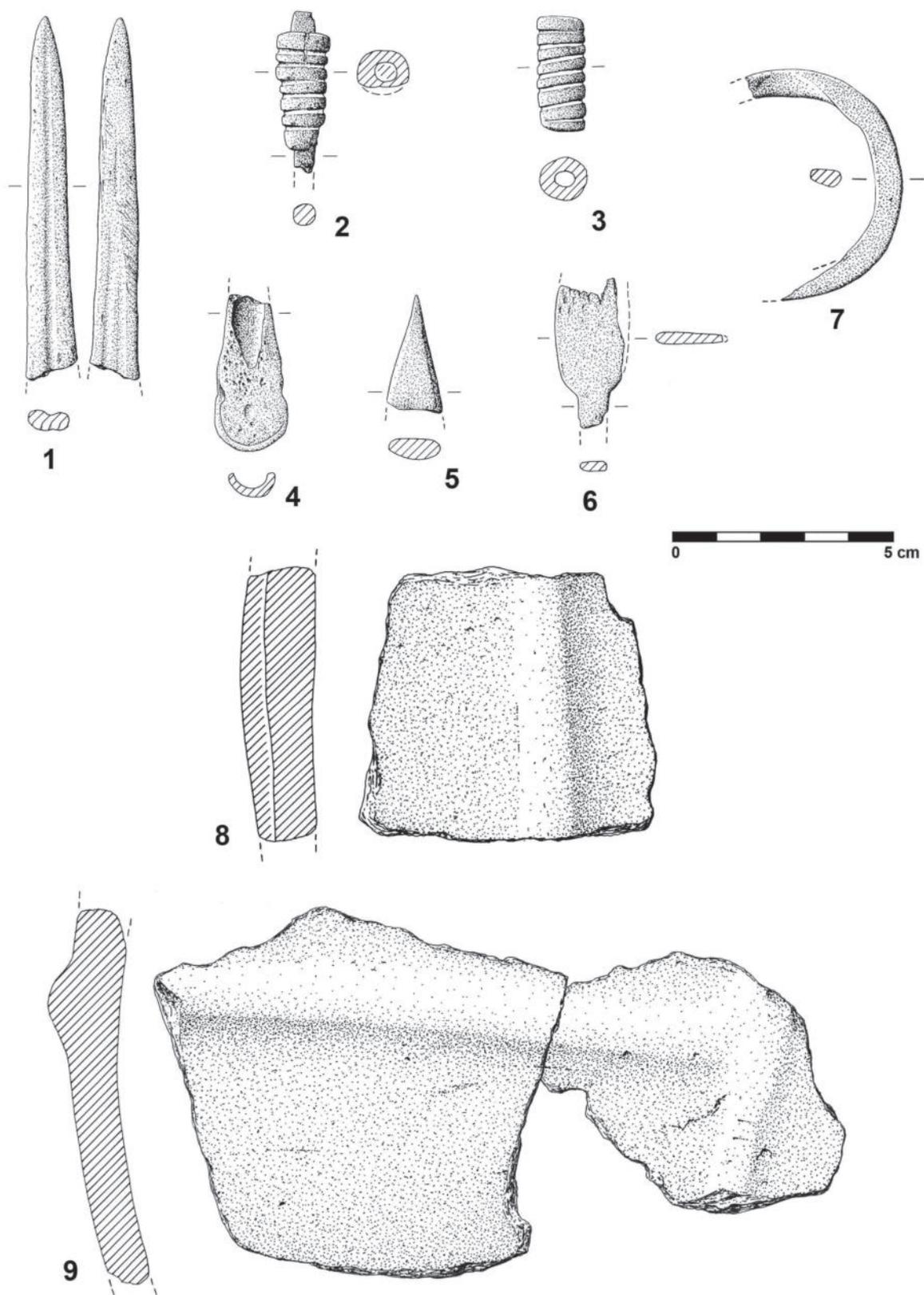


Fig. 19 - Lapa da Bugalheira. Indústrias de osso: furadores (n.º 1, 4 e 5); alfinetes de cabeça postiça (n.º 2 e 3); espátula (n.º 6); bracelete em concha *Glycymeris glycymeris* (n.º 7); cerâmica com decoração plástica (n.º 8 e 9). Desenhos de F. Martins.

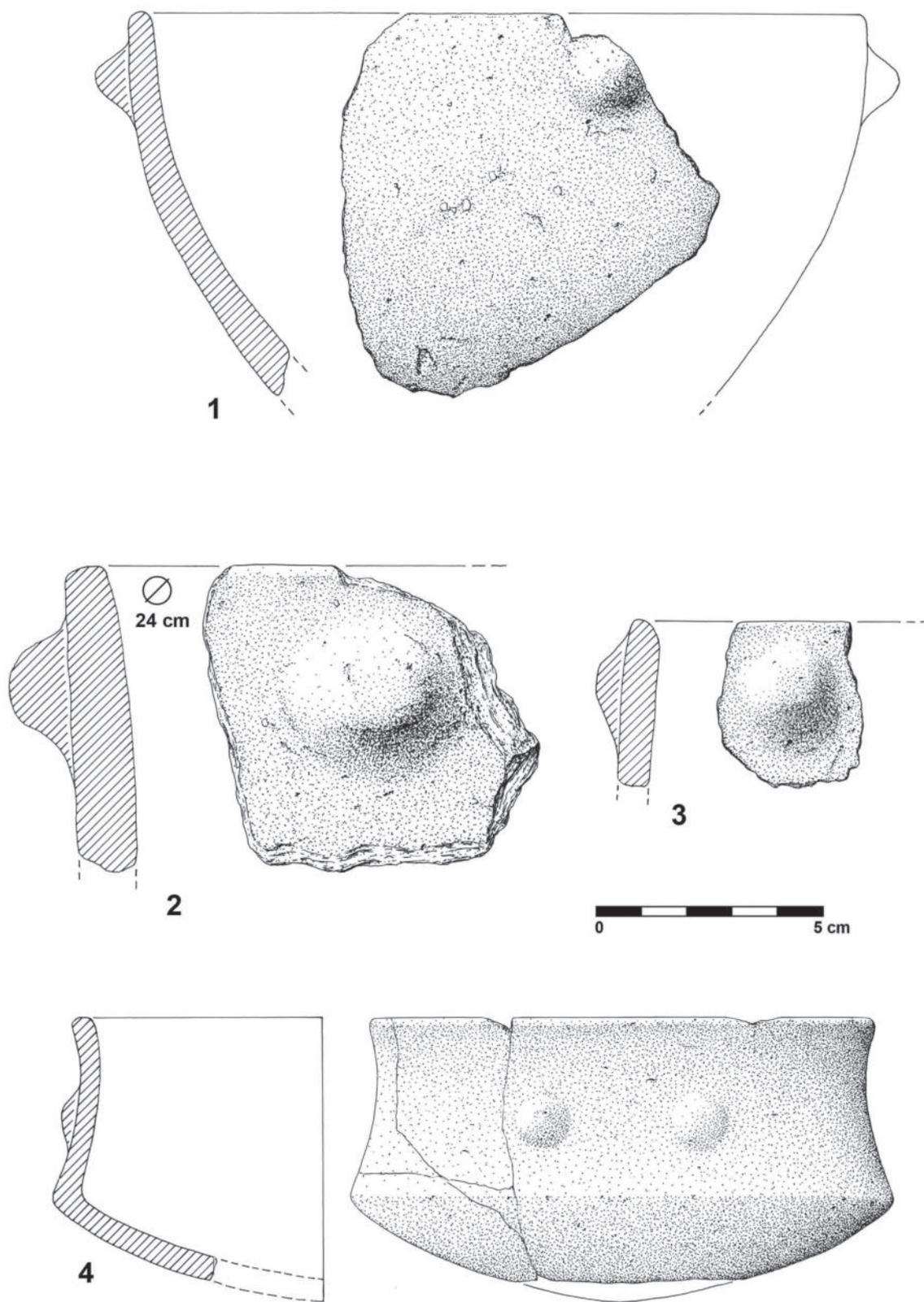


Fig. 20 - Lapa da Bugalheira. Cerâmicas com decorações plásticas do Neolítico Antigo e/ou do Neolítico Final. Desenhos de F. Martins.

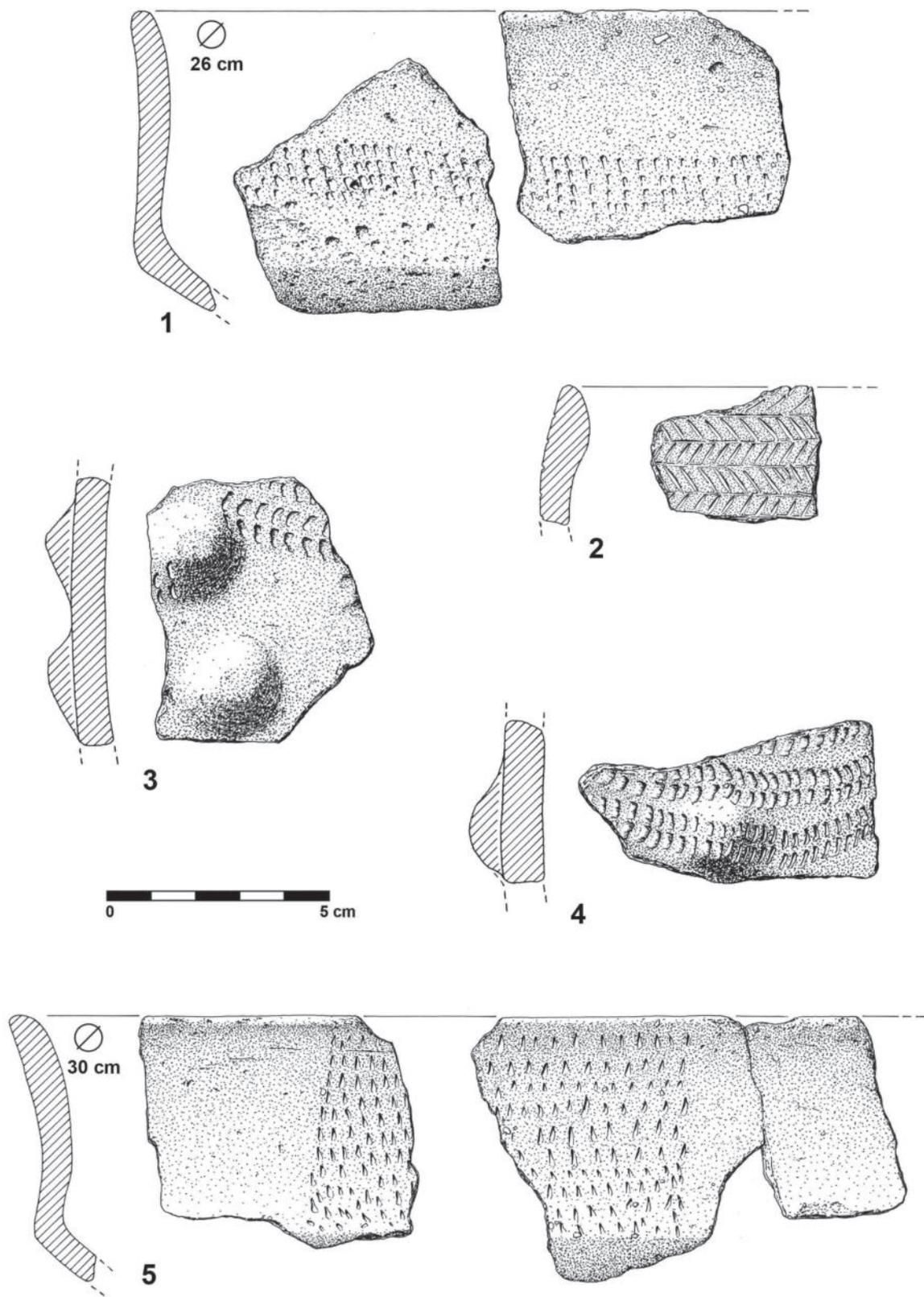


Fig. 21 - Lapa da Bugalheira. Cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo. Desenhos de F. Martins.

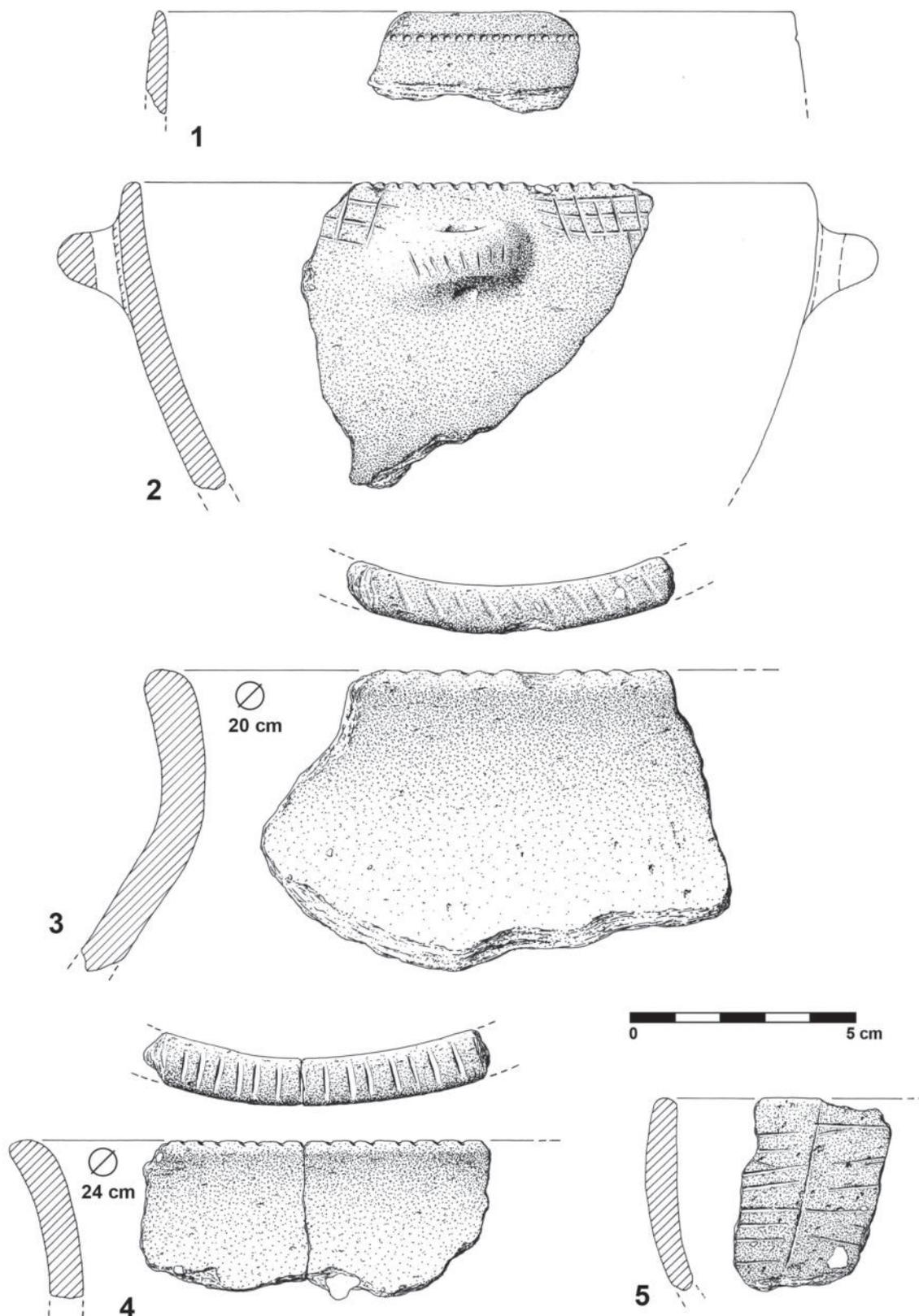


Fig. 22 - Lapa da Bugalheira. Cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo. Desenhos de F. Martins.

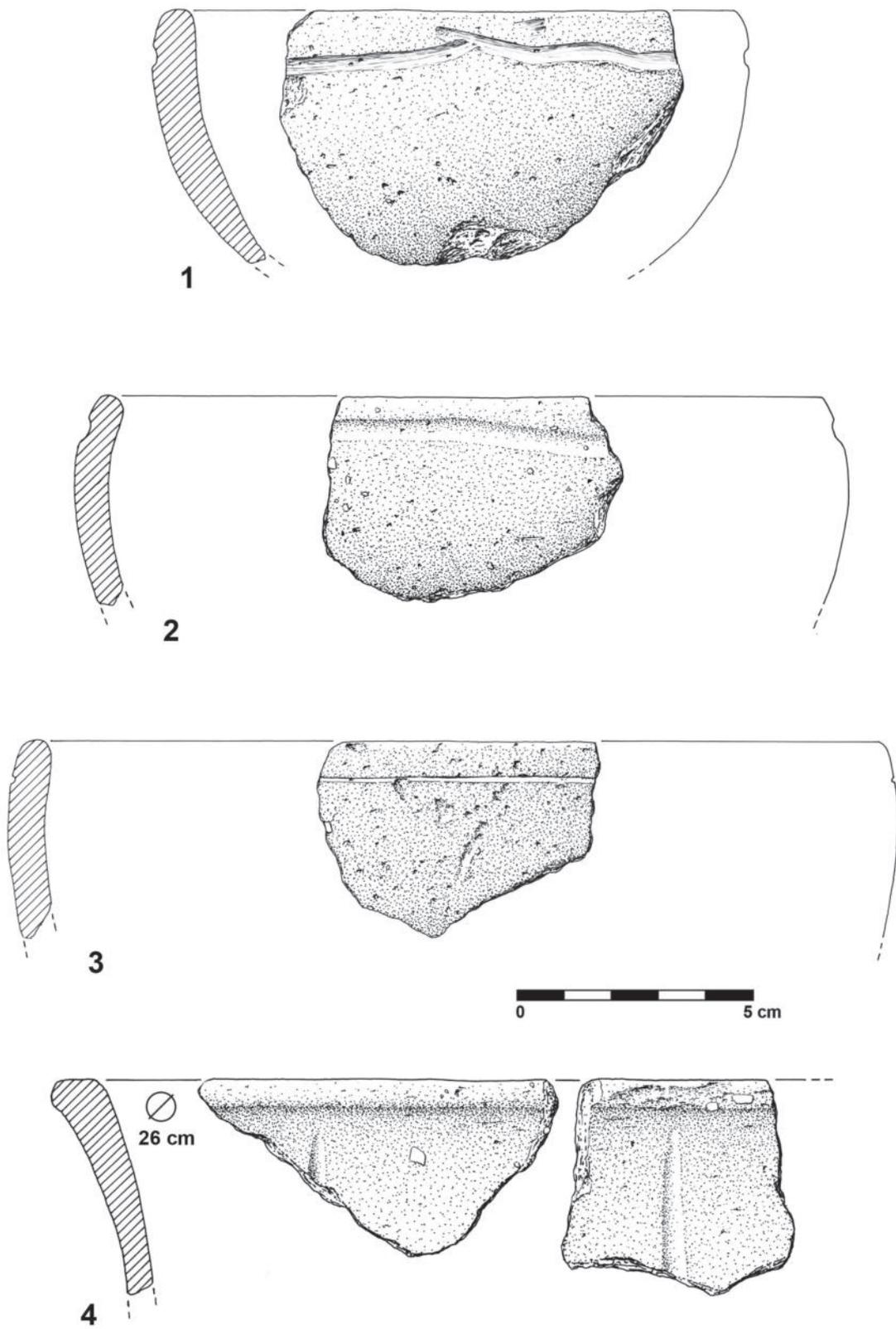


Fig. 23 – Lapa da Bugalheira. Cerâmicas decoradas do Neolítico Médio (n.º 1 a 3) e Neolítico Final (n.º 4). Desenhos de F. Martins.

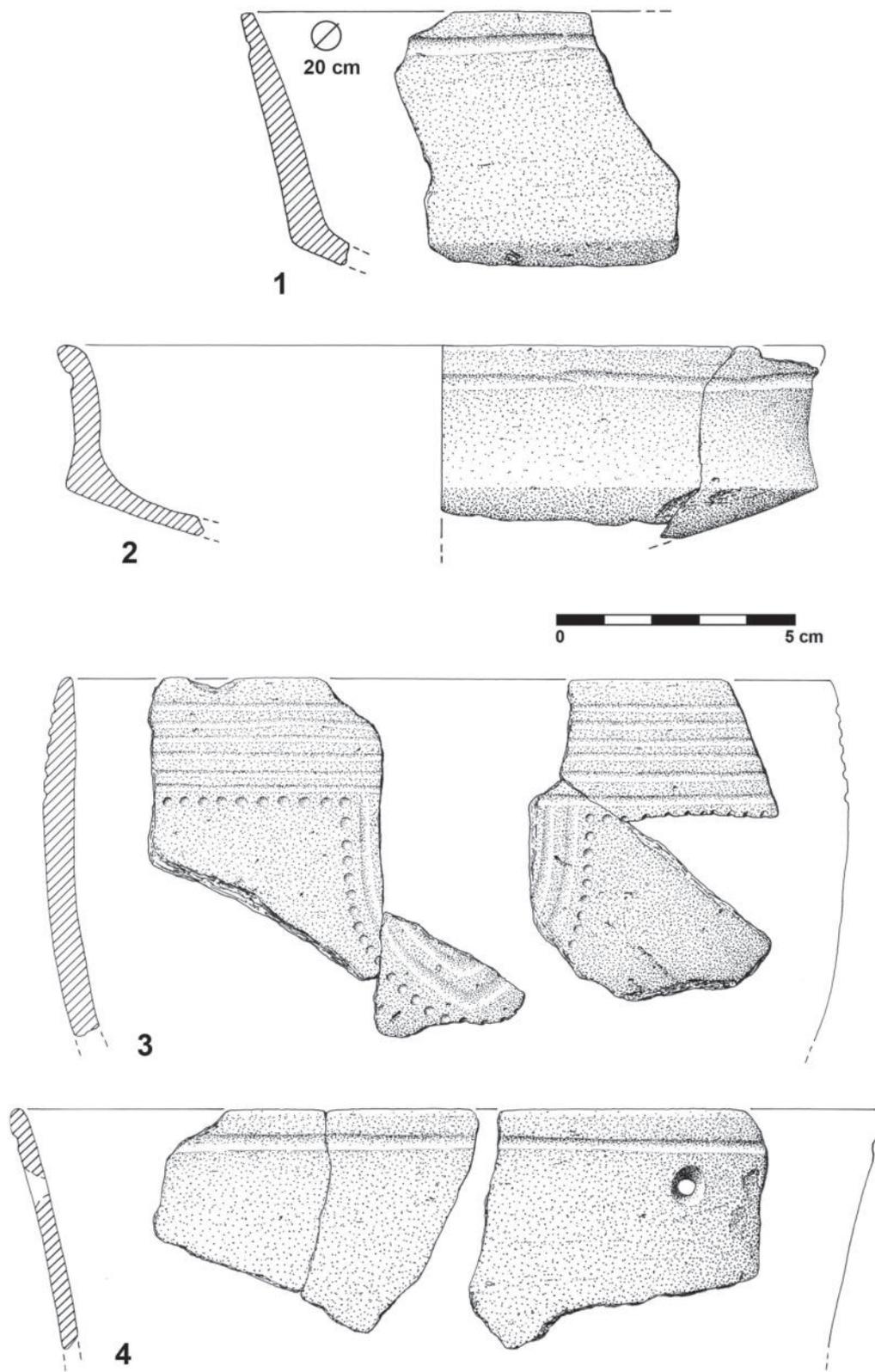


Fig. 24 – Lapa da Bugalheira. Cerâmicas decoradas do Neolítico Final (n.º 1 e 2) e do Calcolítico Inicial da Estremadura (n.º 3 e 4).
Desenhos de F. Martins.

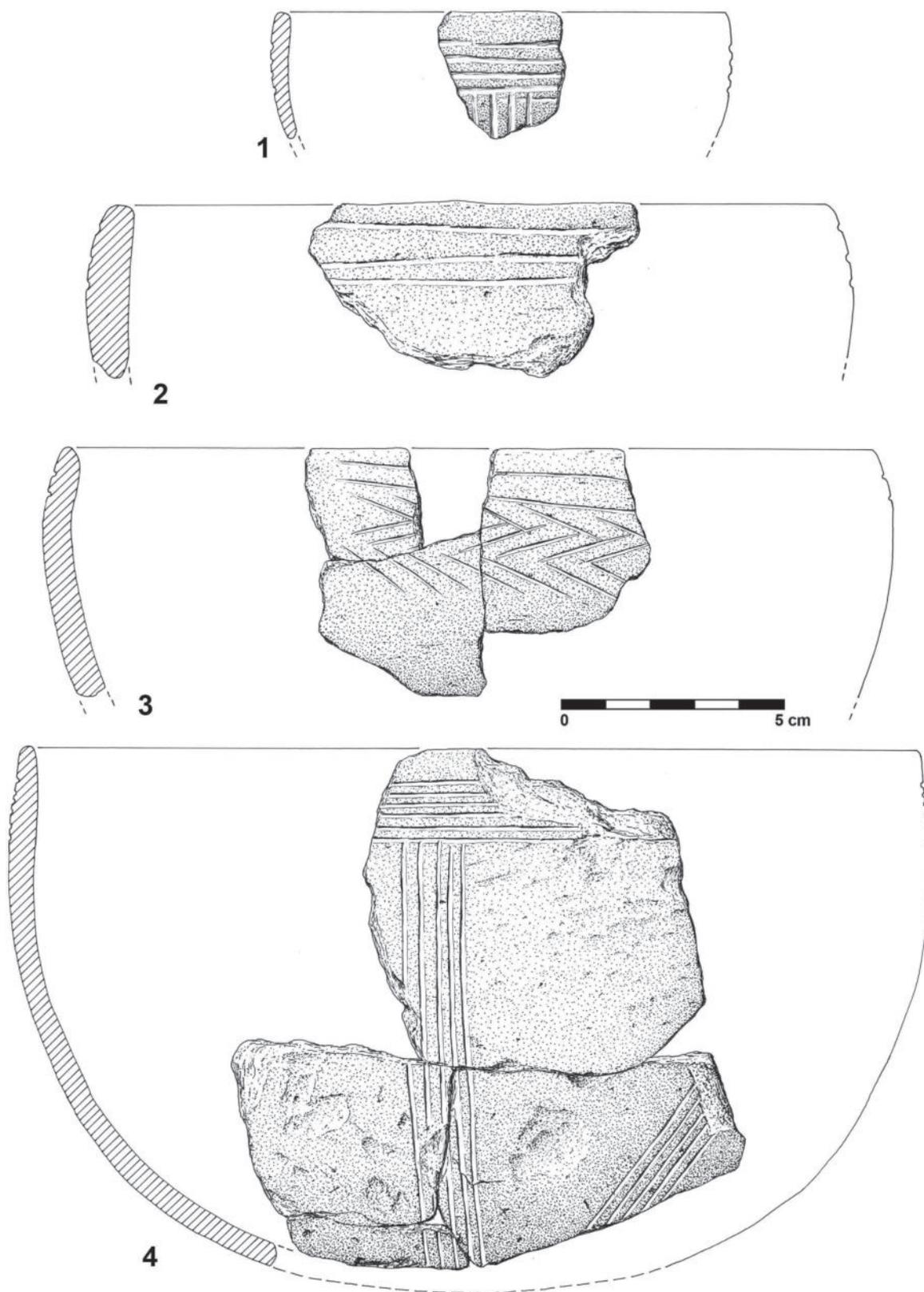


Fig. 25 - Lapa da Bugalheira. Cerâmicas decoradas do Calcolítico Inicial da Estremadura. Desenhos de F. Martins.

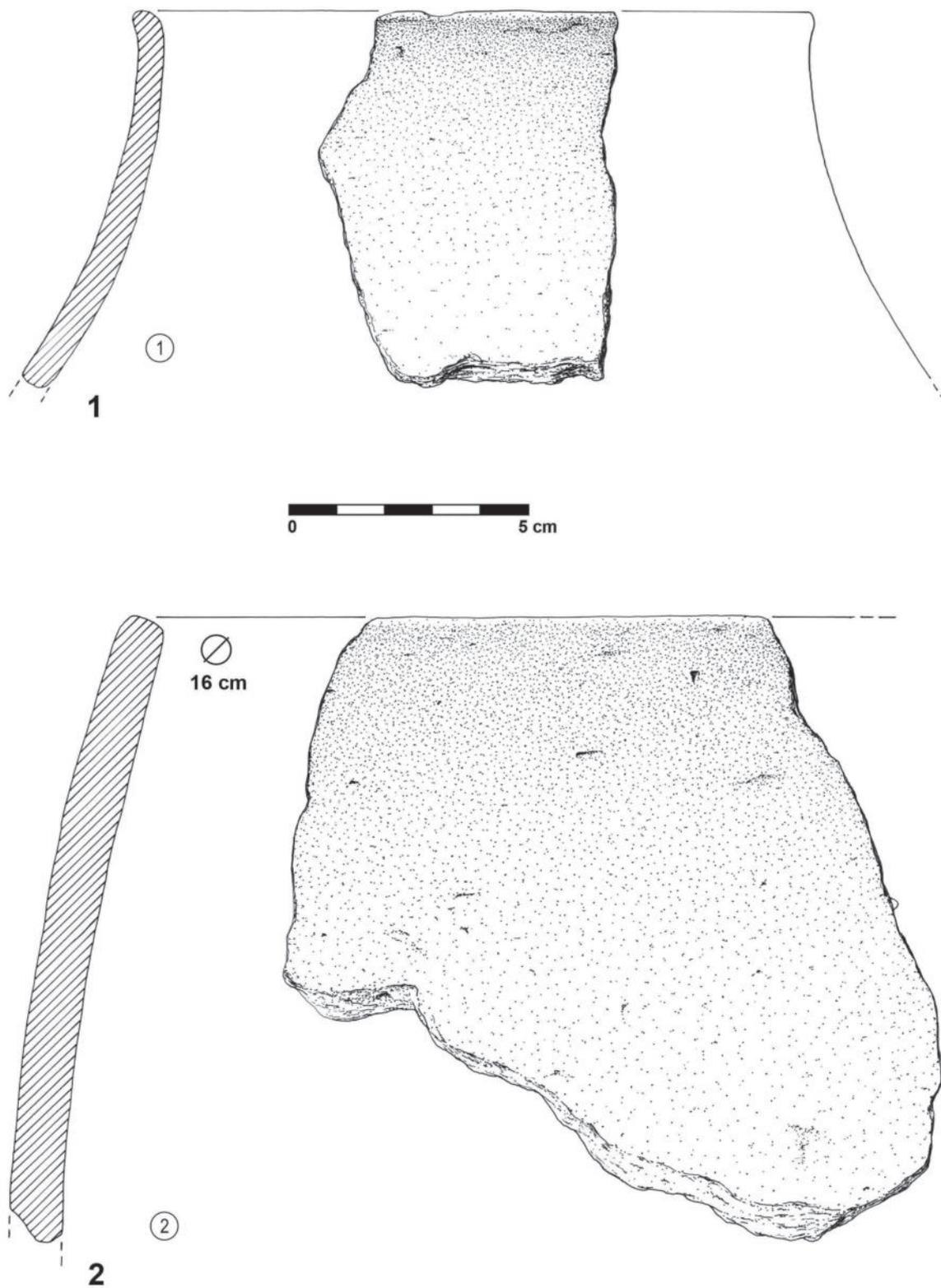


Fig. 26 - Lapa da Bugalheira. Selecção de exemplares de cerâmicas lisas, representativas de cada um dos tipos identificados (número dentro de circunferência). Desenhos de F. Martins.

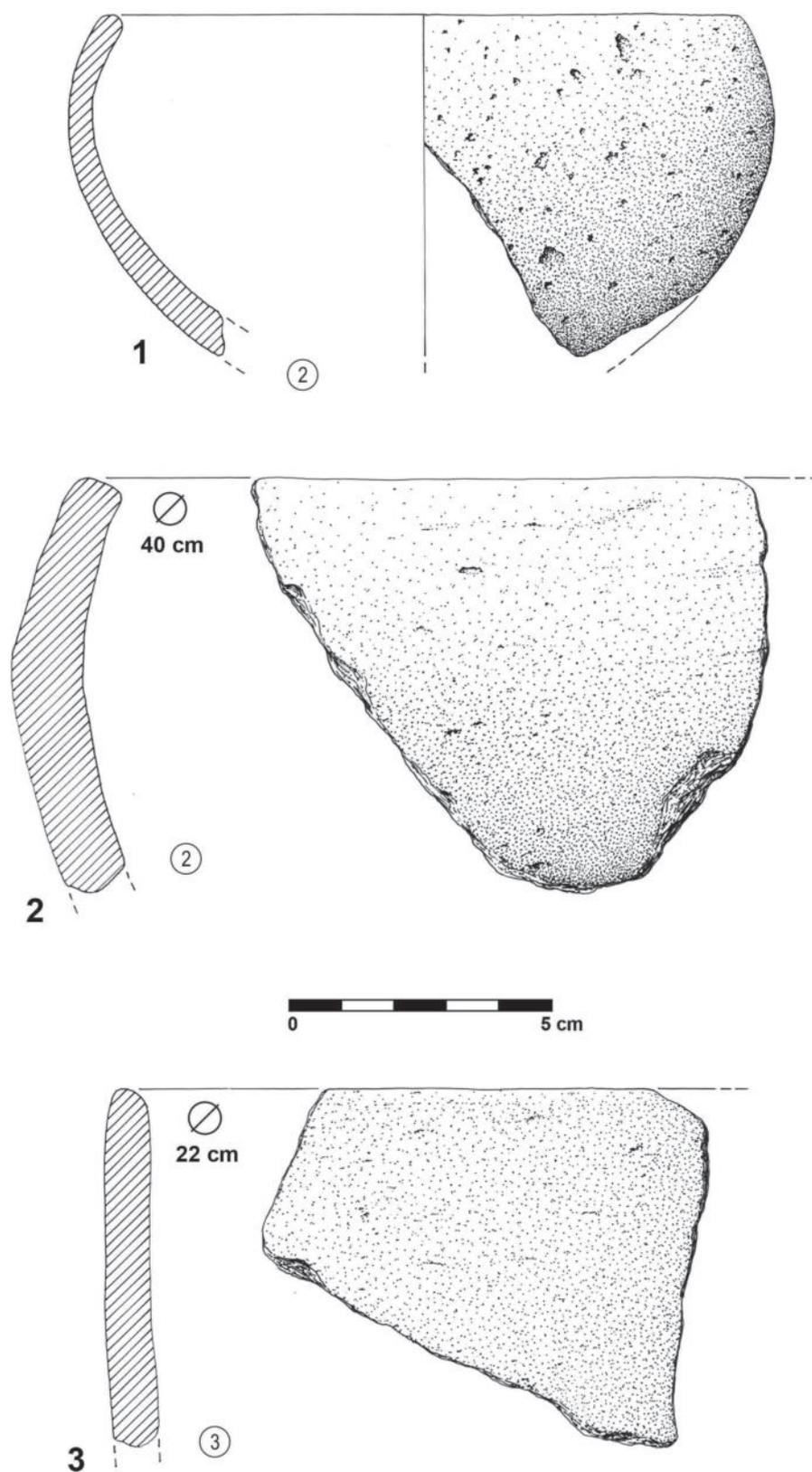


Fig. 27 – Lapa da Bugalheira. Selecção de exemplares de cerâmicas lisas, representativas de cada um dos tipos identificados (número dentro de circunferência). Desenhos de F. Martins.

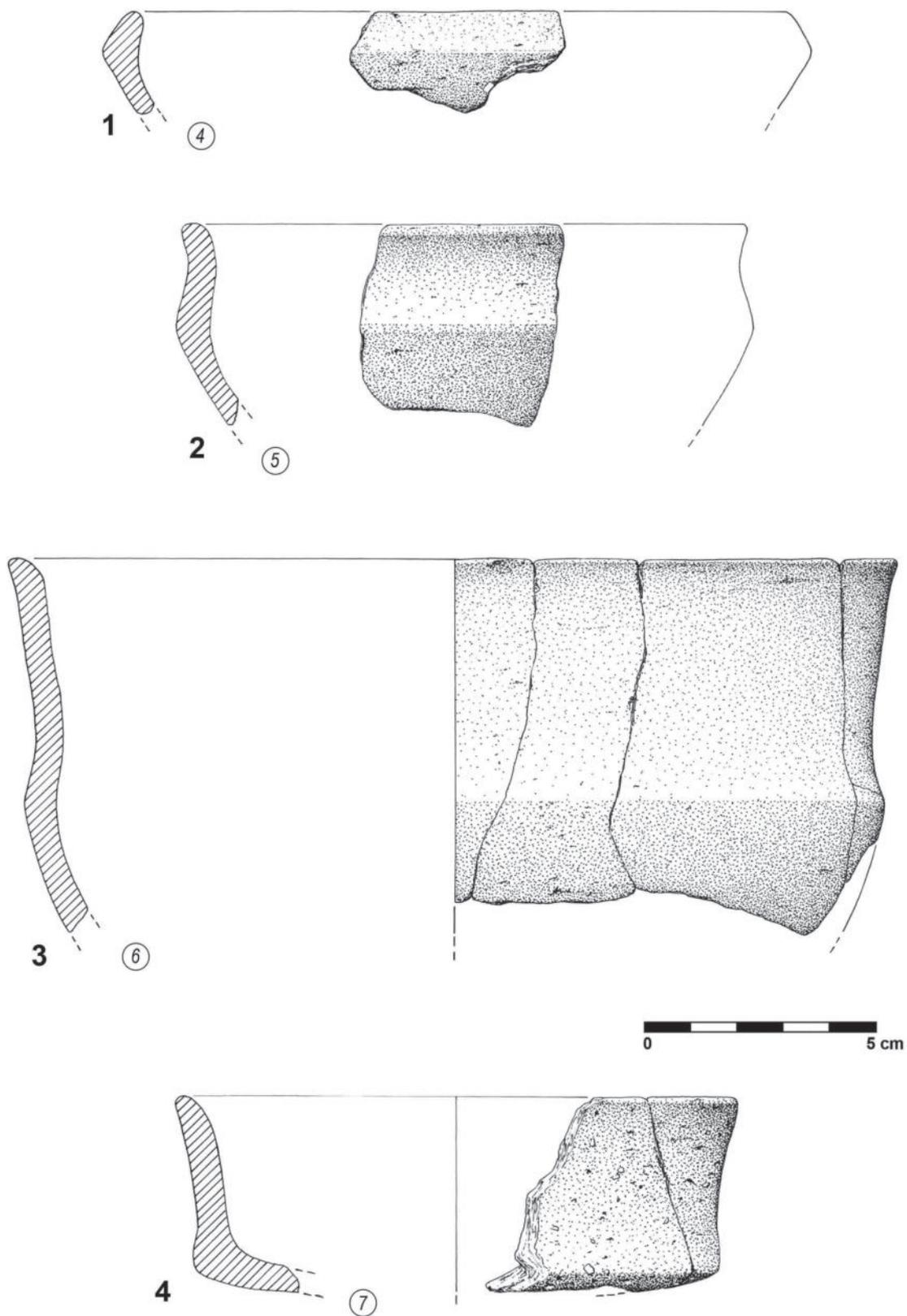


Fig. 28 - Lapa da Bugalheira. Selecção de exemplares de cerâmicas lisas, representativas de cada um dos tipos identificados (número dentro de circunferência). Desenhos de F. Martins.

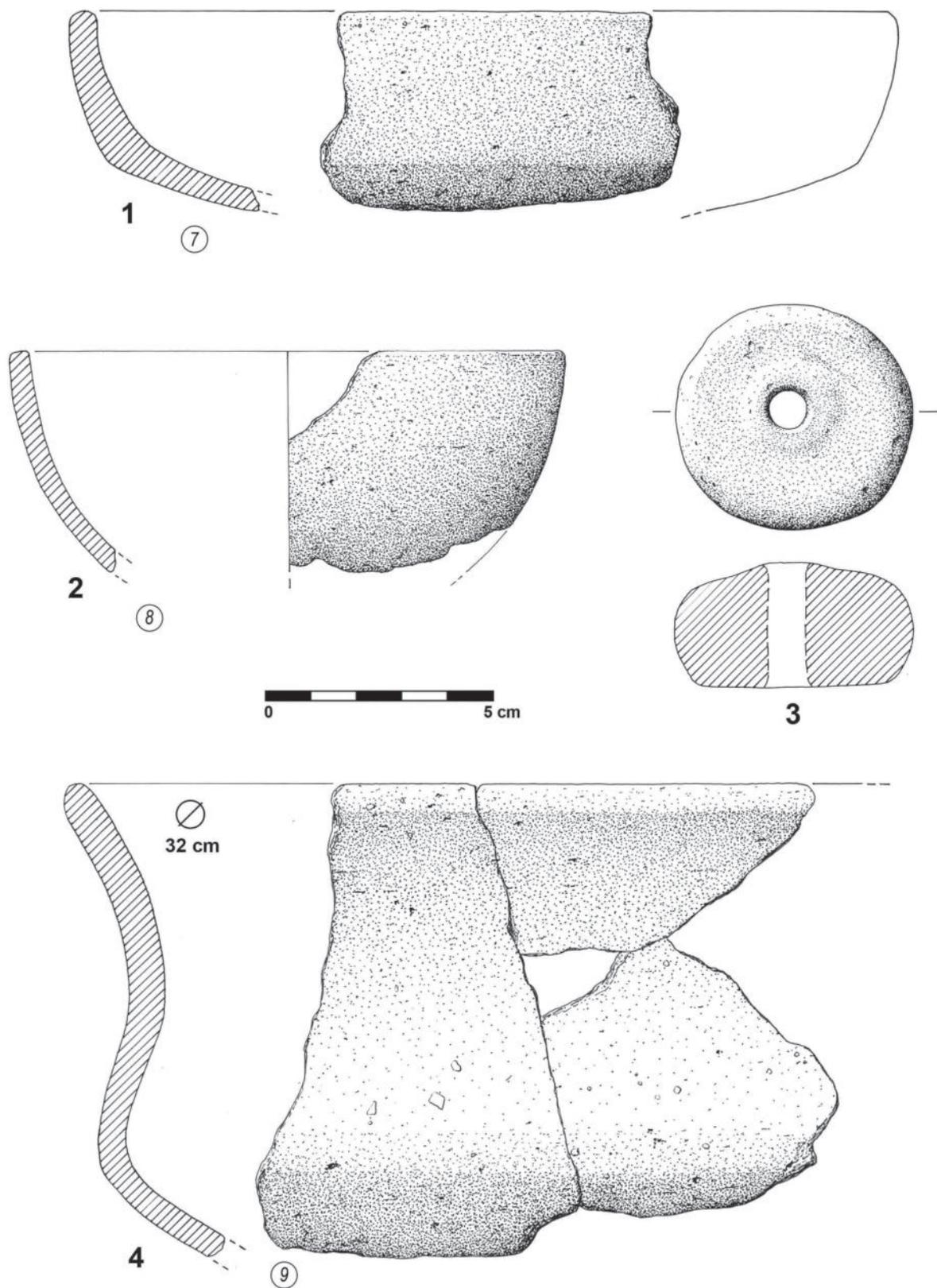


Fig. 29 – Lapa da Bugalheira. Selecção de exemplares de cerâmicas lisas, representativas de cada um dos tipos identificados (n.º 1, 2 e 4); cossoiro (n.º 3). Desenhos de F. Martins.

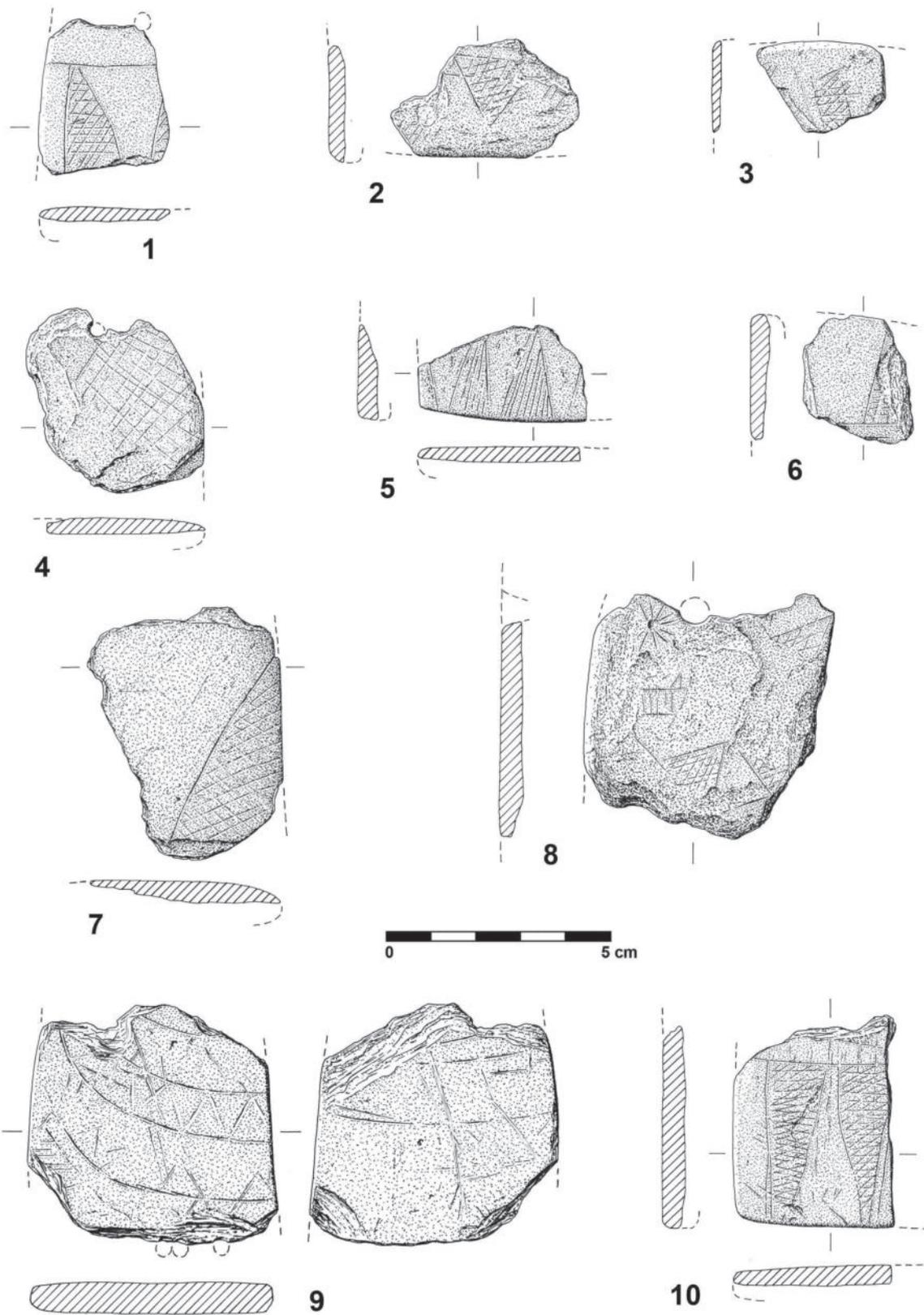


Fig. 30 - Lapa da Bugalheira. Fragmentos de placas de xisto decoradas e fragmento de possível báculo (n.º 9). Desenhos de F. Martins.



Fig. 31 - Lapa da Bugalheira. Espólios de pedra polida. Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 32 – Lapa da Bugalheira. Elementos de moagem. Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 33 – Lapa da Bugalheira. Dormente de pequenas dimensões. Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 34 - Lapa da Bugalheira. Indústria de pedra lascada: lamelas (n.º 1 e 3) e lâminas. Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 35 - Lapa da Bugalheira. Indústria de pedra lascada: lâminas. Fotos de J. L. Cardoso.

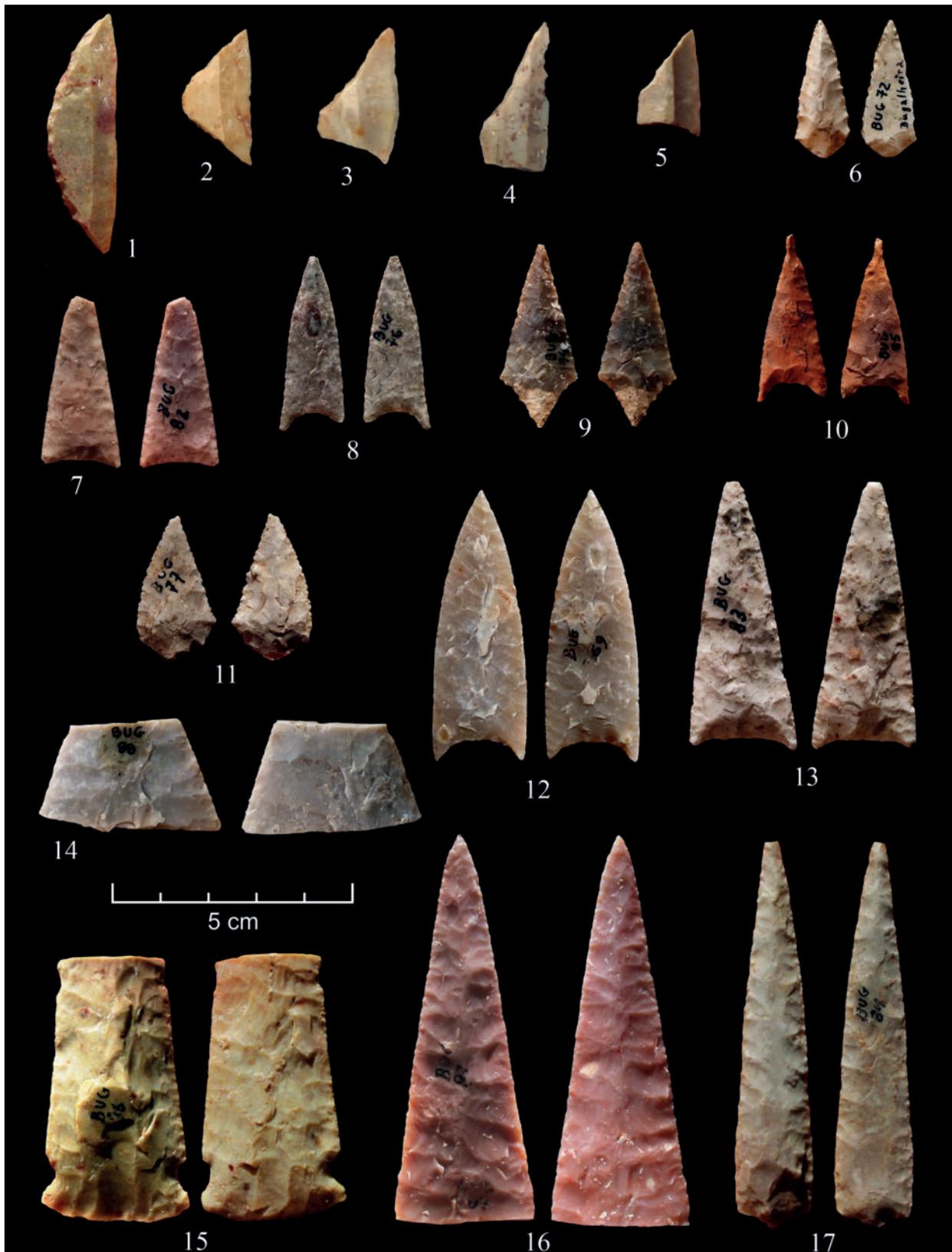


Fig. 36 – Lapa da Bugalheira. Indústria de pedra lascada: geométricos (n.º 1 a 5); pontas de seta (n.º 6 a 13, e 17); punhais e alabardas (n.º 14 a 16). Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 37 - Lapa da Bugalheira. Cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo e do Neolítico Final (n.º 6). Fotos de J. L. Cardoso.



Fig. 38 – Lapa da Bugalheira. Cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo (n.º 1), Neolítico Médio (n.º 2), Neolítico Final (n.º 3), e Calcolítico Inicial da Estremadura (n.º 4 a 7). Fotos de J. L. Cardoso.

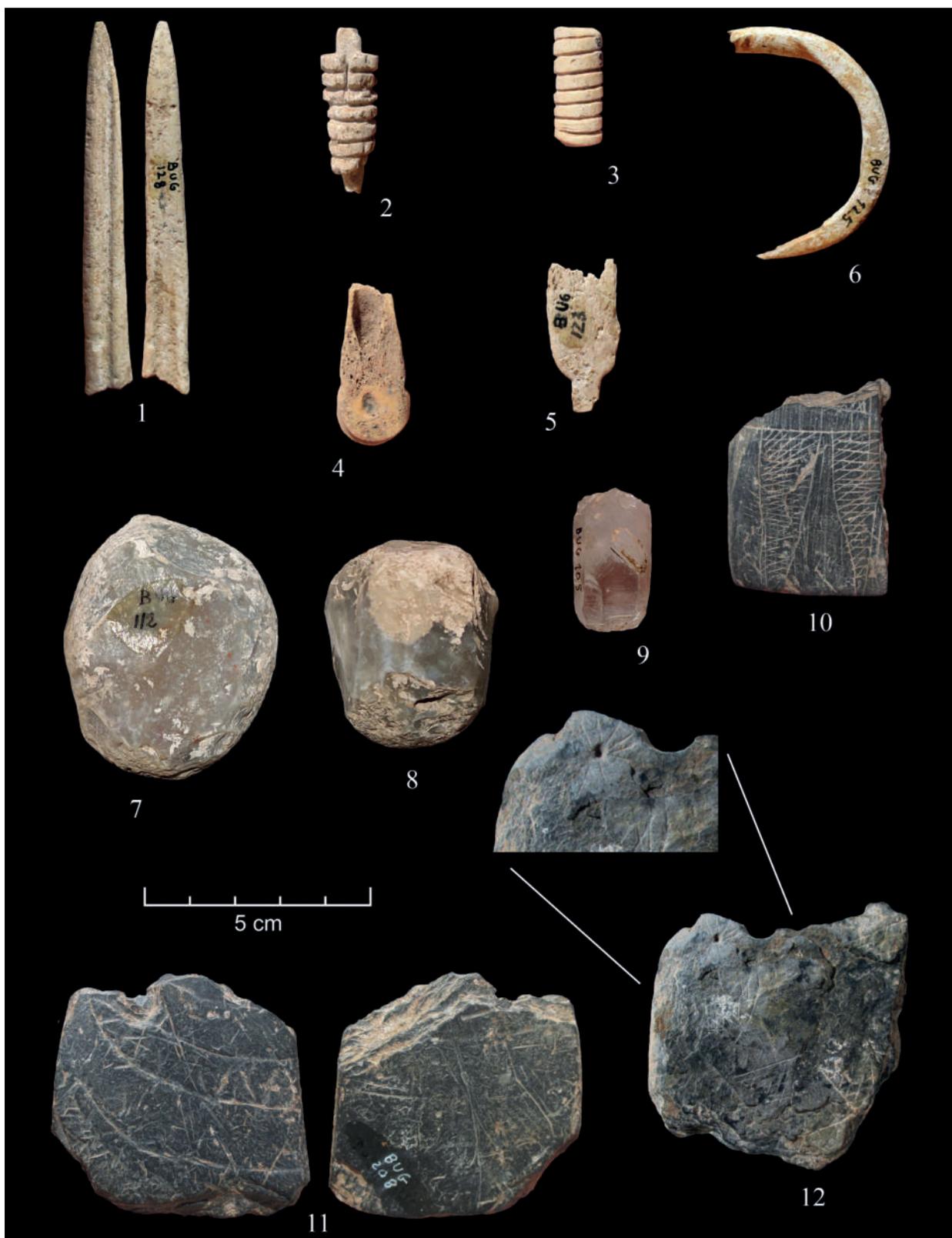


Fig. 39 – Lapa da Bugalheira. Indústrias de osso: furadores (n.º 1 e 4); alfinetes de cabeça postiça (n.º 2 e 3); alfinete de cabeça espatulada (n.º 5); bracelete em concha de *Glycymeris glycymeris* (n.º 6); percutores de sílex de pequenas dimensões (n.º 7 e 8); núcleo de quartzo hialino (n.º 9); fragmentos de placas de xisto (n.º 10 e 12); fragmento de possível báculo (n.º 11). Fotos de J. L. Cardoso.

4 – ESPÓLIOS ARQUEOLÓGICOS

Foi realizado o estudo exaustivo de todos os materiais recuperados na primeira intervenção arqueológica realizada por A. do Paço e colaboradores na Lapa da Bugalheira em depósito no Museu Geológico do LNEG em Lisboa.

4.1 – Pedra polida

O conjunto de artefactos de pedra polida é constituído por 7 exemplares, assim classificados:

Machados

São cinco os machados identificados, possuindo as seguintes características:

- Machado de anfibolito, de secção sub-quadrangular, com indícios de forte percussão na extremidade distal da peça (Fig. 8, n.º 3);
- Machado de anfibolito, de secção sub-rectangular, com indícios de uso como martelo na zona proximal da peça, encontrando-se a extremidade distal incompleta (Fig. 8, n.º 4);
- Grande machado afuselado de rocha dolerítica, negra, de grão fino, de secção sub-circular (Fig. 9, n.º 1; Fig. 31, n.º 4);
- Machado de anfibolito, de secção sub-rectangular, de corpo alongado (Fig. 10, n.º 1; Fig. 31, n.º 1);
- Machado de rocha dolerítica, acinzentada, de grão grosseiro, de secção sub-circular (Fig. 10, n.º 3; Fig. 31, n.º 6);

A presença de dois exemplares com massacramento dos talões e gumes, apesar de ser raro em contextos funerários, encontra paralelos em exemplares recolhidos por Nery Delgado na Gruta da Casa da Moura, Óbidos (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002).

Enxós

Recolheram-se apenas dois exemplares: um de anfibolito (Fig. 8, n.º 1), e outro de xisto silicioso, verde/anegrado, de grão fino (Fig. 8, n.º 2), cuja origem mais provável se situa na unidade estrutural designada por Zona Sul Portuguesa, que se desenvolve por todo o Baixo Alentejo, prolongando-se para o território espanhol (CARDOSO, 2014). Os dois exemplares apresentam diferentes graus de polimento: o primeiro apenas possui polimento na área correspondente ao gume, conservando partes do talão picotado (Fig. 31, n.º 2); o segundo ostenta polimento completo em toda a área, exceptuando algumas depressões resultantes do lascamento associado à preparação prévia do suporte (Fig. 31, n.º 3), com paralelos, entre outros, nos exemplares do Neolítico Médio da gruta do Lugar do Canto, Alcanena (CARDOSO & CARVALHO, 2008).

Braçal de arqueiro

Um fragmento de extremidade de braçal de arqueiro executado em arenito grauvacóide de grão fino (Fig. 10, n.º 2; Fig. 31, n.º 1), com paralelos nos exemplares recolhidos na gruta da Casa da Moura, atribuídos ao Calcolítico Final ou eventualmente, a horizontes mais tardios, associáveis ao Bronze Inicial/ inícios do Bronze Pleno (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 62, n.º 6 e 7).

4.2 – Artefactos de pedra afeiçãoada

Nesta categoria englobam-se os seguintes artefactos:

- Dois dormentes de mós manuais, destinados a tarefas de moagem. Estes exemplares são idênticos aos recolhidos em povoados de diferentes épocas pré-históricas (Fig. 32, n.º 1 e 2);
- Outro dormente, de menores dimensões, relacionado provavelmente com a moagem de corantes, cosméticos ou mezinhas, embora a superfície não evidencie qualquer testemunho da sua natureza (Fig. 33, n.º 1);
- Dois percutores de sílex (Fig. 39, n.º 7 e 8). Estes exemplares, de pequenas dimensões, espessos e com fortes marcas de percussão periféricas, têm paralelo e nos dois exemplares que se recolheram na Lapa do Bugio, Sesimbra (CARDOSO, 1992, Est. 2, n.º 19, 45) que poderiam, no entender de Afonso do Paço, ser utilizados como pedras de isqueiro, conforme considerou a propósito dos exemplares recolhidos no povoado calcolítico fortificado de Pedra de Ouro, Alenquer, em tudo semelhantes aos agora estudados (PAÇO, 1966, p. 124, Fig. 6, n.º 7, 8).

4.3 – Pedra lascada

Nas Figs. 11 a 18 representa-se a totalidade do espólio de pedra lascada recolhido na gruta, na área escavada em 1941.

Núcleo de lamelas

Na Figura 39, n.º 9, apresenta-se um pequeno exemplar em quartzo hialino de lamelas, exibindo estágio avançado de exploração. A sua presença deve ser entendida como oferenda funerária recorrentemente documentada em vários outros contextos similares, desde o Neolítico Médio, representado pelo belo exemplar proveniente da gruta de Alcobertas, Rio Maior (CARDOSO, 2020), até os exemplares declaradamente calcolíticos, de que são exemplo, entre outros contextos da região, o exemplar da *tholos* da Tituaria, Mafra (CARDOSO et al., 1996, Fig. 39, n.º 3). Como referido em anteriores estudos, não poderá dissociar-se o aspecto cristalino e transparente destes exemplares da purificação dos mortos, na altura do seu renascimento, realidade especialmente evidente nos exemplares de maiores dimensões, conhecidos em contextos funerários. A origem dos cristais de quartzo hialino, ou de quartzo fumado, recolhidos em contextos arqueológicos, que também ocorrem por vezes sem qualquer tipo de transformação em contextos funerários, reforçando o seu cunho simbólico, pode ser situada, no que ao território português respeita, nos pegmatitos de origem hidrotermal da Beira Interior (Panasqueira). Deste modo, a sua ocorrência nas jazidas estremenhas, distantes cerca de 300 km da região de origem, configura e prática de permutas transregionais de sentido norte-sul, favorecidas pelo rio Tejo e pelos seus afluentes da sua margem direita. Mas a circulação de estas peças de cunho excepcional ultrapassaria seguramente âmbito tão restrito.

Lamelas

As lamelas (Fig. 11, n.º 1 a 5) encontram-se representadas por 5 exemplares: 2 exemplares inteiros; 2 exemplares distais; e 1 exemplar proximal.

São todas de sílex, de coloração predominantemente castanha e rosada. Três exemplares ostentam pequenos retoques em ambos os bordos, e dois não apresentam retoques (Fig. 34, n.º 1 e 3).

Lâminas

Integram esta categoria 62 exemplares. O conjunto revela um padrão de fragmentação pouco evidente, com claro predomínio das peças inteiras, seguidos dos segmentos proximais:

- inteiras: 24 exemplares (38,7%);
- porções proximais: 19 (30,6%);
- porções mesiais: 10 (16,1%);
- porções distais: 9 (14,5%).

A presença vestigial de córtex observa-se em 16 exemplares (25,8% no conjunto total das lâminas), encontrando-se as restantes 46 desprovidas de córtex (74,2%).

Verifica-se um domínio de lâminas de secção trapezoidal (82,3% do conjunto), seguida das de secção irregular (11,3%) e triangular (6,5%).

Foi possível identificar seis variedades cromáticas de sílex: o cinzento (tons médios e claros), o acastanhado (tons médios e claros), o amarelado, o rosado, o branco, e o castanho avermelhado.

As lâminas de sílex da Lapa da Bugalheira apresentam-se predominantemente de colorações acinzentadas (40,3%) ou acastanhadas (29%). Estas duas variedades cromáticas do sílex representam 69,3% do total do conjunto, seguidas das restantes colorações: o amarelado e o rosado com 11,3%, e as tonalidades de branco (3,2%) e castanho avermelhado (1,6%), com valores percentuais baixos.

Procedeu-se ao levantamento do comprimento da totalidade das lâminas inteiras recolhidas na Lapa da Bugalheira, apresentando-se os resultados obtidos no QUADRO 1:

Quadro 1 - Lapa da Bugalheira. Comprimento das lâminas inteiras.

Comprimento em mm	N.º	%
171-180 mm	1	4,2%
161-170 mm	-	-
151-160 mm	2	8,3%
141-150 mm	1	4,2%
131-140 mm	-	-
121-130 mm	1	4,2%
Lâminas 111-120 mm	5	20,8%
101-110 mm	4	16,7%
91-100 mm	2	8,3%
81-90 mm	2	8,3%
71-80 mm	4	16,7%
61-70 mm	1	4,2%
51-60 mm	1	4,2%
TOTAL	24	100%

Os comprimentos variam entre 58 mm e 178 mm, concentrando-se em três grupos de medidas: 141-178 mm (16,7%); 91-130 mm (sendo a percentagem mais elevada com 50%), e 58-90 mm (33,4%).

Procedeu-se igualmente ao levantamento da largura da totalidade das lâminas recolhidas, agrupadas em categorias de 2 em 2 mm, conforme se indica no QUADRO 2:

Quadro 2 – Lapa da Bugalheira. Largura da totalidade das lâminas recolhidas.

Largura em mm	N.º	%
12-14 mm	6	9,7%
14-16 mm	10	16,1%
16-18 mm	10	16,1%
18-20 mm	12	19,4%
20-22 mm	7	11,3%
22-24 mm	7	11,3%
24-26 mm	3	4,8%
26-28 mm	3	4,8%
28-30 mm	2	3,2%
> 30 mm	2	3,2%
TOTAL	62	100%

Em relação à largura máxima verifica-se que as lâminas apresentam valores diversos, entre os 12 mm e os 32 mm, predominando os exemplares com larguras entre 18-20 mm (19,4%). Outra evidência é a presença de um elevado grupo de lâminas mais largas, com largura superior ao valor médio apresentado, que perfazem 38,6% do conjunto total. Procedeu-se ainda ao levantamento da espessura da totalidade das lâminas recolhidas, considerando categorias de 2 em 2 mm, exprimindo-se os resultados obtidos no QUADRO 3:

Quadro 3 – Lapa da Bugalheira. Espessura da totalidade das lâminas recolhidas.

Espessura em mm	N.º	%
2-4 mm	22	35,5%
4-6 mm	30	48,4%
6-8 mm	8	12,9%
8-10 mm	1	1,6%
10-12 mm	1	1,6%
TOTAL	62	100%

Verifica-se que as lâminas estudadas possuem espessuras que variam entre 2 mm e 11 mm. De acordo com o QUADRO 3, a maior parte dos exemplares apresenta espessura inferior a 8 mm, correspondendo assim a lâminas pouco espessas (96,8%). As lâminas com espessura superior a 8 mm reduzem-se a 3,2% do conjunto.

Em função da abrangência do retoque, o conjunto foi dividido nas seguintes categorias:

- Lâminas não retocadas: 12 exemplares (19,4%);
- Lâminas com retoque marginal (composto por levantamentos curtos, contínuos ou não, apenas efectuados na periferia da peça): 26 (41,9%);
- Lâminas com truncaturas: 8 (12,9%);
- Lâminas com retoque reentrante/parcial unilateral (composto por levantamentos mais longos que afectam uma parte da peça, com excepção da área central): 7 (11,3%);
- Lâminas com retoque reentrante/parcial bilateral (composto por levantamentos mais longos que afectam ambos os bordos): 9 (14,5%).

As lâminas não retocadas, com expressão significativa no conjunto (19,4%), apresentam-se na sua maioria com largura superior aos restantes grupos definidos. A sua cronologia revela-se essencialmente neolítica, com paralelos em exemplares recolhidos na gruta da Casa da Moura, Cesareda (CARREIRA & CARDOSO,

2001/2002) e no conjunto numeroso e homogéneo dos exemplares da necrópole da gruta de Alcobertas, Rio Maior, pertencentes ao Neolítico Médio (CARDOSO, 2020).

O material retocado perfaz 50 exemplares, isto é, 80,6% do total das lâminas recolhidas.

Predominam as lâminas com retoques marginais (em um ou ambos os bordos) e as peças de retoque reentrante/parcial. Estas últimas constituem-se como um tipo particularmente característico dos inventários líticos do final do Neolítico e do Calcolítico estremenhos (CARDOSO & MARTINS, 2013; CARDOSO & CARVALHO, 2010/2011). No entanto é sobretudo no Calcolítico que a sua presença aumenta significativamente.

Geométricos

Os geométricos estão representados por 9 exemplares, dos quais 8 trapézios (Fig. 17, n.º 1 a 4, 6 a 9; Fig. 36, n.º 2 a 5), de tamanhos diferentes, e um crescente, com retoques em todo o bordo convexo (Fig. 17, n.º 5), todos de sílex, de colorações diversas, dominando a cinzenta (44,4% do conjunto dos geométricos). Todos os trapézios foram executados sobre lâmina de secção trapezoidal. A maioria das truncações é rectilínea, e nalguns casos côncava, produzidas por retoques semi-abruptos, correspondendo a formas de contorno assimétrico.

Este tipo de geométricos corresponde às produções mais abundantes em contextos funerários estremenhos do Neolítico Médio. Exemplo desta realidade é observada, em contextos da mesma época e região, no Lugar do Canto, onde se recolheram 34 geométricos, sendo a larga maioria deles representados por trapézios (CARDOSO & CARVALHO, 2008), e no algar do Bom Santo, onde os 35 exemplares são também maioritariamente representados por trapézios (CARVALHO & GIBAJA, 2014).

O crescente, ou segmento de círculo, executado sobre lâmina de secção triangular, é o geométrico de maior dimensão (Fig. 36, n.º 1), medindo 50 mm X 14 mm X 3 mm (comprimento, largura e espessura). São escassos os paralelos publicados.

Punhais e alabardas

Recolheram-se três fragmentos incompletos, todos eles revelando cuidadoso talhe bifacial:

- Um fragmento distal de punhal, em sílex rosado, possuindo sinais de ligeiro polimento presente em ambas as faces (Fig. 17, n.º 12; Fig. 36, n.º 16);
- Um fragmento mesial de alabarda, de sílex cinzento, com talhe bifacial (Fig. 17, n.º 10; Fig. 36, n.º 14);
- Fragmento proximal de punhal de base rectilínea, com duas concavidades, uma em cada bordo lateral, junto à base, e outras duas, na zona mesial da peça, próxima da fractura, menos pronunciada (Fig. 17, n.º 11; Fig. 36, n.º 15), de sílex castanho;

Os exemplares, integráveis no Neolítico Final / Calcolítico encontram vários paralelos em grutas naturais da Estremadura portuguesa, entre as quais se incluem as seguintes ocorrências: Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 21, n.º 1 a 4); Furninha (CARDOSO & CARVALHO, 2010/2011, Fig. 14, n.º 12 e 13); e Lapa do Suão (FURTADO, MAURÍCIO, CÔRTEZ & MONTEIRO, 1969, Est. III, n.º 13). No respeitante à porção proximal de punhal, com dois chanfros de encabamento simétricos junto à base, o mesmo possui vários paralelos entre os inventariados em 1957 no conjunto conservado no Museu Geológico do LNEG (FERREIRA, 1957).

Pontas de seta

As pontas de seta ascendem a 16 exemplares, o quais, em função da conjugação da morfologia basal e do contorno, foram integrados nos seguintes grupos:

- Pontas de seta de base côncava: 6 exemplares (Fig. 18, n.º 10, 11, 12, 13, 15 e 16; Fig. 36, n.º 7, 8, 10, 12 e 13); merece destaque o exemplar com bordos côncavos e espigão, em sílex jaspóide (Fig. 18, n.º 12; Fig. 36, n.º 10), semelhante aos exemplares recolhidos no povoado do Outeiro Redondo, Sesimbra, na Camada 2, atribuída ao Calcolítico Pleno/Final (CARDOSO, 2019, Fig. 52, n.º 1 e 2);
- Pontas de seta de base rectilínea: 3 exemplares (Fig. 18, n.º 3, 7 e 8);
- Pontas de seta de base triangular ou bicôncava: 4 exemplares (Fig. 18, n.º 2, 6, 9 e 14; Fig. 36, n.º 9 e 17); destaque para o grande exemplar com retoque bifacial invasor (Fig. 18, n.º 14; Fig. 36, n.º 17);
- Pontas de seta de base convexa (arredondada): 3 exemplares (Fig. 18, n.º 1, 4, 5; Fig. 36, n.º 6 e 11).

Dominam os exemplares em sílex de coloração acinzentada (53,3%), seguidos dos exemplares acastanhados (26,7%) e rosados (20%). Estes apresentam retoque bifacial invasor/cobridor que impede a determinação do suporte original do artefacto, com excepção do exemplar da Fig. 18, n.º 7, fabricado sobre lâmina. É de assinalar uma ponta de seta de jaspe (Fig. 18, n.º 12; Fig. 36, n.º 10), cuja ocorrência é excepcional em contextos funerários estremenhos, contrastando com a presença em contextos domésticos calcolíticos da mesma época e região, como é o caso dos povoados de Rotura (Setúbal); Moita da ladra (Vila Franca de Xira), Leceia (Oeiras) e Outeiro Redondo (Sesimbra). A sua presença configura abastecimento dos terrenos paleozóicos do interior alentejano, acompanhando a importação de outras matérias-primas de natureza geológica dali oriundas.

Considerada a tipologia dos produtos transformados acima descritos obteve-se o QUADRO 4:

Quadro 4 – Lapa da Bugalheira. Inventário da indústria em pedra lascada.

Tipo	N	%
Utensílios		
Núcleos	1	1%
Produtos alongados sem retoque	14	14,6%
Lamela sem retoque	2	
Lâmina sem retoque	12	
Produtos alongados c/ retoque	53	55,2%
Lamela c/ retoque simples, marginal e parcial	3	
Lâmina c/ retoque simples, marginal e parcial	26	
Lâmina c/ truncaturas	8	
Lâmina c/ retoque reentrante / parcial unilateral	7	
Lâmina c/ retoque reentrante / parcial bilateral	9	
Geométricos	9	9,4%
Segmento	1	
Trapézio	8	
Punhais e alabardas	3	3,1%
Ponta de punhal	1	
Base de punhal	1	
Fragmento de alabarda	1	
Pontas de seta	16	16,7%
Ponta de seta de base côncava	6	
Ponta de seta de base rectilínea	4	
Ponta de seta pedunculada	3	
Ponta de seta de base convexa	3	
TOTAL	96	100%

4.4 – Indústria óssea

Furadores

Registaram-se três exemplares afeiçãoados, incompletos: duas pontas (Fig. 19, n.º 1 e 5; Fig. 39, n.º 1) e uma base de furador (Fig. 19, n.º 4; Fig. 39, n.º 4). Este último conserva, na extremidade proximal, uma das trócleas correspondente à extremidade distal de metápodo de espécie indeterminada. Trata-se de esquirolas de ossos longos fracturados longitudinalmente e depois polidos, correspondendo à tipologia dominante no Neolítico.

4.5 – Produções cerâmicas

4.5.1 – Cerâmicas lisas

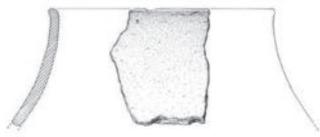
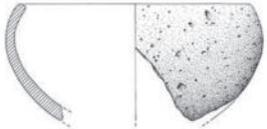
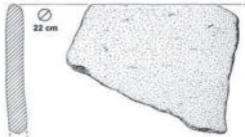
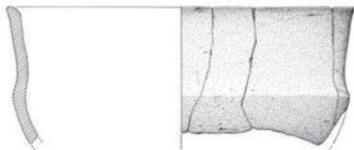
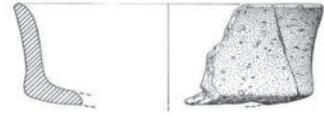
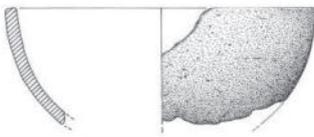
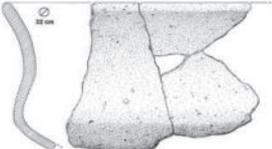
A caracterização das formas dos recipientes não decorados da Lapa da Bugalheira foi desenvolvida a partir da totalidade dos 360 fragmentos recolhidos possuindo bordo. O estudo conduziu à identificação das formas representadas pelos exemplares reproduzidos nas Figs. 26 a 29, sintetizadas no QUADRO 5.

Dominam as formas fechadas, correspondentes a recipientes esféricos e globulares com 34,2% do total do conjunto (Tipo 2), seguido das formas abertas, correspondendo a taças em calote, com 31,1% do conjunto (Tipo 8). O terceiro grupo com maior representação são as taças carenadas, com predomínio dos exemplares com carena média, com 12,8%.

Dominam os recipientes com diâmetros inferiores a 20 cm, excepto no grupo dos vasos de paredes rectas (Tipo 3), as taças com carena média (Tipo 6) e as “caçoilas” (Tipo 9), com predomínio de recipientes com diâmetros entre os 20 e os 40 cm.

Considerando a falta de indicações estratigráficas, por um lado, e a heterogeneidade tipológica evidenciada pelo conjunto, torna-se evidente que se encontram presentes produções de assinalável diacronia. Os exemplares carenados podem pertencer tanto ao Neolítico Antigo como, sobretudo, ao Neolítico Final, não sendo de excluir a existência pontual de produções da Idade do Bronze, as quais, ao contrário das anteriores, não se afiguram relevantes na totalidade do conjunto arqueológico estudado. Com efeito, a forma 6, correspondente a recipientes de carena média, sobretudo os de maiores dimensões e assinalável qualidade de fabrico, que usualmente são inscritos no Bronze Final, podem, neste caso, incorporar-se no Neolítico Antigo, visto possuírem paralelos decorados formalmente próximos na gruta da Casa da Moura (CARREIRA & CARDOSO, 2001/2002, Fig. 47, n.º 3; Fig. 48, n.º 1; Fig. 51, n.º 1, 2) e na gruta do Carvalhal de Turquel (SPINDLER & FERREIRA, 1974, Fig. 16, n.º 92). Esta situação encontra-se documentada no próprio conjunto ora estudado, onde se documentaram recipientes carenados integrados na forma 6 com decorações inquestionavelmente pertencentes ao Neolítico Antigo (Fig. 21, n.º 1 e 5). Importa ainda sublinhar a presença da forma 9, correspondente tipologicamente a “caçoila” campaniforme, representada por um número assinalável de exemplares, embora nenhum deles seja decorado, que acompanharia as tumulações calcolíticas então realizadas na gruta, a par do braçal de arqueiro identificado e acima descrito. A ocorrência deste tipo de artefactos em contextos desprovidos de cerâmicas campaniformes decoradas tem paralelo nas grutas da região de Alcobaça (GONÇALVES, 1978, Est. 24, n.ºs 1 a 3).

Quadro 5 – Tipologia das cerâmicas lisas da Lapa da Bugalheira do Neolítico e Calcolítico.

TIPOLOGIA		FORMAS	Diâmetros	Nº. Total de frag.
Vaso tipo “garrafa”		1 	$\odot?$ (1) $\odot < 20$ (5) $\odot 20-40$ (1)	7 (1,9%)
Hemisférico / Esférico / Globulares		2 	$\odot?$ (8) $\odot < 20$ (102) $\odot 20-40$ (13)	123 (34,2%)
Vaso de paredes rectas		3 	$\odot?$ (2) $\odot < 20$ (10) $\odot 20-40$ (14)	26 (7,2%)
Taça carenada	Carena alta de bordo reentrante	4 	$\odot?$ (1) $\odot < 20$ (1)	2 (0,6%)
	Carena alta	5 	$\odot < 20$ (4)	4 (1,1%)
	Carena média	6 	$\odot?$ (5) $\odot < 20$ (18) $\odot 20-40$ (22) $\odot > 40$ (1)	46 (12,8%)
	Carena baixa	7 	$\odot < 20$ (7) $\odot 20-40$ (3)	10 (2,8%)
Vaso em calote		8 	$\odot?$ (9) $\odot < 20$ (87) $\odot 20-40$ (16)	112 (31,1%)
“Caçoila”		9 	$\odot?$ (4) $\odot < 20$ (1) $\odot 20-40$ (25)	30 (8,3%)
TOTAL			$\odot?$ (30) $\odot < 20$ (235) $\odot 20-40$ (94) $\odot > 40$ (1)	360 (100%)

Legenda: \odot - diâmetro no bordo em cm ; (x) - quantidade de recipientes.

4.5.2 – Cerâmicas decoradas

Foram estudados os 27 fragmentos decorados que integram a colecção dos quais 24 com bordo. Tendo em consideração as diversas composições, técnicas e temáticas decorativas, os resultados obtidos foram os seguintes:

Cerâmicas decoradas do Neolítico Antigo

Os 15 exemplares decorados identificados no conjunto repartem-se do seguinte modo:

Decoração impressa

- bordo simples denteado: 2 exemplares (Fig. 22, n.º 3 e 4);
- bordo de taça carenada (Forma 6) com decoração impressa, produzida por uma matriz, aplicada mais ou menos na vertical, formando uma banda paralela ao bordo: 1 exemplar (Fig. 21, n.º 1; Fig. 37, n.º 3);

Decoração incisa

- bordo de vaso (Forma 2) decorado com série de linhas horizontais incisadas, paralelas ao bordo, interrompidas por linha vertical incisa: 1 exemplar (Fig. 22, n.º 5);
- bordo de taça carenada (Forma 6) decorado, junto ao bordo, por pequenas incisões produzidas por ponta fina, criando bandas integralmente preenchidas, alternando com espaços não decorados: 1 exemplar (Fig. 21, n.º 5; Fig. 37, n.º 5);

Decoração plástica

- fragmento de grande recipiente com cordão em relevo com orientação vertical: 1 exemplar (Fig. 19, n.º 8);
- fragmento de grande recipiente com cordão em relevo com orientação vertical e horizontal: 1 exemplar (Fig. 19, n.º 9);
- mamilo isolado junto ao bordo: 3 exemplares (Fig. 20, n.º 1 a 3);

Decoração impressa + incisa

- bordo de vaso (Forma 2) com canelura incisa paralela ao bordo, reforçada com impressões individuais a pontilhado: 1 exemplar (Fig. 22, n.º 1; Fig. 38, n.º 1);
- bordo de vaso denteado (Forma 2) com decoração incisa em espinhas limitadas por linhas paralelas horizontais: 1 exemplar (Fig. 21, n.º 2; Fig. 37, n.º 4);

Decoração impressa + plástica

- fragmento de vaso com decoração no bojo de pares de impressões paralelas, com puncionamento oblíquo (sugerindo a utilização de caules de gramíneas), formando linhas horizontais ou ligeiramente arqueadas, com aplicação de um ou dois mamilos: 2 exemplares (Fig. 21, n.º 3 e 4; Fig. 37, n.º 1 e 2);

Decoração impressa + incisa + plástica

- bordo simples denteado de vaso (Forma 8) decorado com série de linhas horizontais incisadas, paralelas junto ao bordo, sobrepostas por traços incisivos oblíquos, interrompido por asa decorada com perfuração vertical decorada com finas incisões verticais: 1 exemplar (Fig. 22, n.º 2; Fig. 37, n.º 7);

Tendo presente as formas e os principais tipos decorativos foi efectuada a distribuição das cerâmicas decoradas, que se apresenta no QUADRO 6.

Quadro 6 – Lapa da Bugalheira. Distribuição dos fragmentos cerâmicos do Neolítico Antigo classificáveis quanto à forma e decoração.

Tipos de decoração	Forma 1	Forma 2	Forma 3	Forma 6	Forma 8	Indeterm.	TOTAL	
							N.º ex.	%
Impressa	1			1	1		3	20%
Incisa		1		1			2	13,3%
Plástica		1	1		1	2	5	33,3%
Impressa + incisa		2					2	13,3%
Impressa + plástica						2	2	13,3%
Impressa + incisa + plástica					1		1	6,7%
TOTAL	1	4	1	2	3	4	15	100%

Os resultados apresentados no QUADRO 6 indicam que, no que respeita à técnica decorativa, a presença de elementos plásticos é predominante no conjunto (cordões e mamilos), em exemplares lisos e decorados, seguida da técnica decorativa impressa (20%). A forma dominante no conjunto dos recipientes decorados é a hemisférica.

Sob a categoria de vasos com bordo denteado reúnem-se 4 exemplares, de morfologias distintas: dois são em calote (Fig. 22, n.º 2 e 4), um vaso tipo “garrafa” (Fig. 22, n.º 3) e um outro hemisférico (Fig. 21, n.º 2).

São de valorizar as duas grandes taças carenadas (carena média = Forma 6), com decoração organizada junto ao bordo (Fig. 21, n.º 1 e 5; Fig. 37, n.º 3 e 5),

Cerâmicas decoradas atribuíveis ao Neolítico Médio

Foram identificados 3 exemplares decorados, assim caracterizados:

- bordo de taça em calote, de pequenas dimensões, decorada por canelura abaixo do bordo: 1 exemplar (Fig. 23, n.º 1; Fig. 38, n.º 2);
- bordo de vaso hemisférico, de pequenas a médias dimensões, decorado por canelura abaixo do bordo (incisão larga ou fina): 2 exemplares (Fig. 23, n.º 2 e 3).

Este tipo de cerâmica decorada, presente em contextos domésticos e funerários, é sempre pouco numerosa face ao domínio de recipientes lisos nesta época.

A presença desta linha incisa sob o bordo encontra paralelos nas cerâmicas recolhidas do Monte da Foz I e nos exemplares cerâmicos recolhidos na Moita do Ourives, Benavente (NEVES, 2018), no entanto nesta última estação arqueológica referida apenas foram contabilizados 6 fragmentos decorados no total (1 bordo e 5 bojos) (NEVES, 2018, Tabela 51).

Em contexto funerário, os exemplares da Lapa da Bugalheira encontram paralelo num exemplar recolhido na Lapa do Bugio (Sesimbra), associado à sepultura 9 (CARDOSO, 1992, Estampa 13, n.º 1).

Cerâmicas decoradas atribuíveis ao Neolítico Final

Foram identificados os seguintes fragmentos:

- pequena taça, com carena baixa, quase completa, munida de um par de mamilos simbólicos, abaixo do bordo (Fig. 20, n.º 4; Fig. 37, n.º 6).
- bordo em aba decorado com linhas incisadas na vertical, a partir do bordo: 1 exemplar (Fig. 23, n.º 4);
- bordo de taça de dimensões médias, com carena média (Forma 6) com linha incisa abaixo do bordo: 1 exemplar (Fig. 24, n.º 1);

- pequena taça com carena baixa (Forma 7), com linha incisa abaixo do bordo: 1 exemplar (Fig. 24, n.º 2; Fig. 38, n.º 3).

Os pares de mamilos de cunho simbólico identificados no exemplar quase inteiro, encontram paralelos, pala além de diversas antas alentejanas reportáveis globalmente ao Neolítico Final/inícios do Calcolítico, em exemplares estremenhos pertencentes tanto a contextos do Neolítico Final, como do Calcolítico, de que se destacam:

- uma taça de carena alta, munida de um par de mamilos na carena, recolhida na câmara ocidental do monumento da Praia das Maças (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969, Pl. H, n.º 2);
- uma taça de carena alta, munida na carena de um par de mamilos (LEISNER, 1965, Tf. 43, 3, 30), proveniente de uma das câmaras centrais da *tholos* do monumento da Praia das Maças;
- uma taça de carena alta, munida na carena de um par de mamilos um pouco mais afastados que os do exemplar anterior (LEISNER, 1965, Tf. 45, 10, 107, proveniente do sector central da *tholos* do monumento da Praia das Maças;
- uma taça hemisférica de cronologia neolítica ou calcolítica, de uma das grutas da Quinta do Anjo, Palmela (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1961, Pl. G, n.º 7);
- uma taça de carena média, de cronologia calcolítica, munida de um par de mamilos na carena, da *tholos* do Escoural (SANTOS & FERREIRA, 1969, Est. 5, n.º 53).

Em contextos de natureza habitacional, foi registada em Leceia a presença de um vaso de carena média, com um par de mamilos coalescentes, de evidente cunho simbólico (CARDOSO, 1980; 1981, Est. 16, n.º 195), tal como todos os anteriormente referidos, com paralelos em dois vasos do Neolítico Final da Parede (PAÇO, 1964, Fig. 14, n.º 5; Fig. 15, n.º 15).

Cerâmicas decoradas atribuíveis ao Calcolítico Inicial

Foram identificados 6 fragmentos decorados do Calcolítico Inicial:

- vaso em calote, de dimensões médias, decorado com caneluras, paralelas ao bordo, associadas a caneluras que, a partir das anteriores, definem ogivas invertidas, acompanhadas exteriormente por linhas obtidas por impressões punctiformes, provavelmente executadas com o mesmo instrumento (Fig. 24, n.º 3; Fig. 38, n.º 4); este exemplar possui paralelo na Camada 3 do povoado de Leceia (CARDOSO, 2007, Fig. 59, n.º 12), e um outro, proveniente de Vila Nova de São Pedro (PAÇO, 1958, Fig. 16). Também na Camada 2 do Outeiro Redondo, Sesimbra (CARDOSO, 2019, Fig. 130, n.º 6) se reconheceu uma ocorrência idêntica, sendo, ao que tudo indica, a primeira vez em que esta produção, tipicamente calcolítica, ocorre em contexto funerário.
- bordo de recipiente de paredes sub-verticais (“copo”), de dimensões médias, de paredes finas e acabamento cuidado, decorado com uma única canelura abaixo do bordo (Fig. 24, n.º 4);
- bordo de pequena taça em calote (Forma 2) com decoração canelada horizontal junto ao bordo, associado a linhas verticais abaixo desta (Fig. 25, n.º 1; Fig. 38, n.º 5);
- bordo de taça em calote (Forma 2), de dimensões médias, decorado com três caneluras, paralelas ao bordo (Fig. 25, n.º 2). Possui paralelos em vários exemplares recolhidos na Camada 3 de Leceia (CARDOSO, 2007, Fig. 77, n.º 9; Fig. 103, n.º 6 e 14; Fig. 113, n.º 2 e 21), e na Camada 3 do povoado do Outeiro Redondo (CARDOSO, 2019, Fig. 134, n.º 4), entre muitas outros sítios habitados, sendo mais raros em contextos funerários da mesma época.

- bordo de taça em calote, de dimensões médias, decorado com duas caneluras junto ao bordo, associadas a linhas em zigue-zague verticais muito acentuadas (Fig. 25, n.º 3; Fig. 38, n.º 7). Possui paralelos em exemplares recolhidos na Camada 2 de Leceia (CARDOSO, 2007, Fig. 180, n.º 6; Fig. 224, n.º 7) e na Camada 3 do povoado do Outeiro Redondo (CARDOSO, 2019, Fig. 134, n.º 3), entre muitos outros sítios habitados desta época, sendo mais raro em contextos funerários coevos.
- bordo de taça de dimensões médias a grandes (Forma 8) decorada com caneluras horizontais junto ao bordo, associadas a linhas verticais caneladas abaixo destas, até ao fundo do recipiente (Fig. 25, n.º 4; Fig. 38, n.º 6).

4.5.3 – Cerâmicas industriais

Recolheu-se um cossoiro de barro completo (Fig. 29, n.º 3), o qual pode ser atribuído ao Calcolítico. Conhecem-se exemplares comparáveis e, tal como este, atribuíveis ao Neolítico ou ao Calcolítico, no povoado pré-histórico da Penha Verde (Sintra) proveniente de uma estrutura habitacional identificada na base do morro, atribuída ao *locus* 7 (CARDOSO, 2010-2011, Fig. 43, n.º 2), no povoado do Neolítico Final do Cabeço da Mina, Torrão (Alcácer do Sal) (SILVA & SOARES, 1976/1977, Fig. 12, n.º 9 e 10) e no povoado calcolítico de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) (JALHAY & PAÇO, 1945, Lám. 25, n.º 17 a 19). Revisão deste tipo de produções calcolíticas, propondo uma tipologia própria, foi recentemente publicada, a propósito dos exemplares recolhidos no povoado de São Pedro (Redondo) (COSTEIRA, 2017).

4.6 – Objectos de adorno

Alfinete de cabeça espatulada

Recolheu-se um exemplar deste tipo, incompleto, afeiçoado por polimento sobre esquirola alongada (Fig. 19, n.º 6; Fig. 39, n.º 6). A extremidade distal larga, com fracturas irregulares resultantes da estrutura da tábua óssea, conservando o arranque da haste, de secção rectangular. Este exemplar tem paralelos entre outras estações coevas, em Leceia (CARDOSO, 1980, p. 66; CARDOSO, 1980; 1981, Fig. 12, n.º 166), em Vila Nova de S. Pedro (JALHAY & PAÇO, 1945, Lám. 14, n.º 21, 24; PAÇO, 1960, Fig. 3, n.º 337-39) e no Penedo (SPINDLER & TRINDADE, 1970, Est. 17, n.º 360, 361), entre outros povoados calcolíticos estremenhos. Em contextos funerários do Neolítico Final registaram-se diversos exemplares na Lapa do Bugio (CARDOSO, 1992, Est. 2, n.º 22; Est. 6, n.º 25; Est. 20, n.º 23, 24), que se afiguram suficientes para comprovar a sua relativa abundância nesta época.

Alfinetes de cabeça postiça

Constituem um dos artefactos de osso mais característicos dos contextos funerários do Neolítico Final estremenho, acompanhando com frequência placas de xisto e pontas de seta de base convexa, recta ou pedunculada. No caso presente, encontram-se representados por duas porções ou fragmentos, com cabeça/extremidade postiça decorada em geral com caneluras horizontais em número variável (Fig. 19, n.º 2 e 3; Fig. 39, n.º 2 e 3), embora, mais raramente, aquela se possa apresentar lisa.

Uma das associações artefactuais estremenhas onde estes artefactos detêm presença expressiva, encontra-se documentada na câmara ocidental do monumento complexo da Praia das Maças, Sintra (LEISNER, ZBYSZEWSKI & FERREIRA, 1969, Pl. 6), recentemente alvo de novas escavações. Duas datações efectuadas sobre alfinetes de cabelo ali recolhidas, um com cabeça postiça lisa, outros canelada, forneceram, respectiva-

mente os valores de: OxA-5509 – 4410±75 BP e um outro liso OxA-5510 – 4395±60 BP cuja calibração, a 2 δ , forneceu os intervalos de 3340-2880 cal BC e 3310-2890 cal BC (CARDOSO & SOARES, 1995, p. 11); estatisticamente idênticos, tais resultados fazem corresponder estas peças a momentos avançados do Neolítico Final estremenho. No entanto, outras datas obtidas sobre peças similares, também publicadas no referido trabalho, remetem-nas para idade calcolítica; deste modo, ainda que a sua incidência seja máxima no Neolítico Final, trata-se de um tipo artefactual, seja de cabeça postiça canelada, seja lisa, cuja cronologia não pode garantir-se previamente.

Bracelete em concha de *Glycymeris glycymeris*

Recolheu-se apenas um fragmento de bracelete (Fig. 19, n.º 7; Fig. 39, n.º 6). Este exemplar encontra paralelo em diversos sítios funerários estremenhos cuja cronologia, sempre que a mesma possa ser determinada é neolítica: avultam os quatro exemplares recuperados nas escavações na gruta do Lugar do Canto, Alcanede (dos quais apenas metade se encontra completa); na Lapa da Modeira; Alto da Feteira; Senhora da Luz; Gruta de Mosqueiros; Gruta dos Carrascos; Entrada Superior 2 do Almonda, do Algar do Barrão, e Algar do Bom Santo (CARDOSO & CARVALHO, 2008), a que se poderão acrescentar outras, entre as quais a gruta dos Cabeço dos Mosqueiros (Alcobaça) (GONÇALVES, 1978, Est. 9). Em contextos habitacionais da região, a sua ocorrência é residual, devendo destacar-se o exemplar recolhido na camada basal de Leceia, integrada no Neolítico Final (CARDOSO, 1997, p. 97). Trata-se, pois, de uma produção que, com início no Neolítico Médio, época a que devem pertencer o maior número de exemplares, não ultrapassa, na Estremadura, o Neolítico Final.

4.7 – Objectos de carácter simbólico ou ritual

Ídolos-falange

Foi recolhido um conjunto de 11 exemplares de primeiras falanges, confeccionadas como objectos culturais, justificada pela forma acentuadamente antropomórfica, naturalmente exibida por este segmento anatómico:

- 2 falanges polidas e decoradas de cavalo (*Equus caballus*) (CARDOSO, 2023, Fig. 7);
- 8 falanges lisas, de cavalo (*Equus caballus*), afeiçãoadas por polimento (CARDOSO, 2023, Fig. 8, 9 e 10);
- 1 falange de boi doméstico (*Bos taurus*) (CARDOSO, 2023, Fig. 10, n.º 1).

Estes artefactos, de cronologia calcolítica inequívoca, foram recentemente objecto de em artigo próprio (CARDOSO, 2023), cujas hipóteses então apresentadas suscitaram, como se referiu na introdução, a preparação do presente estudo.

Fragmentos de placas de xisto decoradas e provável báculo de xisto

A colecção integra nove pequenos fragmentos de placas de xisto decoradas (Fig. 30, n.º 1 a 8, e 9; Fig. 39, n.º 10 e 12) de coloração cinzento-escuro a negra. Três exemplares apresentam furo de suspensão bitroncónicos.

As decorações concentram-se numa das faces, sendo o motivo decorativo dominante os triângulos preenchidos interiormente. Este tipo de decoração geométrica é muito comum, e a sua distribuição geográfica alargada. A integração cultural é compatível com o Neolítico Final, embora sejam conhecidos exemplares provenientes de contextos estremenhos claramente calcolíticos, como se comprovou na *tholos* de Tituaria (Mafra) (CARDOSO et al., 1995).

Importa destacar o fragmento de placa de xisto decorada com a representação de um pequeníssimo “olho solar” (Fig. 30, n.º 8; Fig. 39, n.º 12), definido pela gravação de um pequeno círculo com raios curtos radiantes. Esta representação encontra paralelos em exemplares bem conhecidos onde a face da Deusa se encontra integrada por pares de olhos radiados. Porém, micro-representações como esta são excepcionais, remetendo para um mundo cognitivo em que os símbolos, para ter significado, não exigiriam representações evidentes, que todos poderiam identificar, para serem apenas identificadas por alguns. Esta realidade tem paralelo na minúscula representação solar radiada, identificada no povoado calcolítico algarvio de Santa Justa (GONÇALVES, 1989, Est. 105, em cima). Este exemplar, correspondente a uma primeira falange de *Cervus elaphus* totalmente polida, é do maior interesse iconográfico, por exhibir, num dos côndilos distais, pequeno círculo radiado, de tamanho tão discreto que só pode interpretar-se como sinal oculto destinado a só ser visto ou identificado por poucos. Neste caso está também a representação agora dada a conhecer, executada provavelmente num fragmento de placa de xisto, com a superfície que ainda deixa ver a decoração original de triângulos incisivos preenchidos interiormente por reticulado, correspondendo assim a exemplar reaproveitado, mas que nem por isso tinha perdido a sua carga simbólica, como muitos outros recolhidos em contextos funerários ou habitacionais (CARDOSO & VILAÇA, 2020). A ocorrência de pequeníssimos e discretos “olhos solares”, verifica-se também em recipientes decorados, como é o caso de um vaso em calote, com uma banda abaixo do bordo incluindo tais representações, proveniente do povoado calcolítico fortificado de Vila Nova de São Pedro (Azambuja) (ARNAUD & FERNANDES, 2005, n.º 1132, p. 212).

Entre aqueles fragmentos de placas de xisto, identificou-se também um possível fragmento de báculo de xisto decorado em ambas as faces (Fig. 30, n.º 9; Fig. 39, n.º 11), com os vestígios de uma fiada de perfurações, que excepcionalmente podem ocorrer junto ao punho, como se observa no exemplar da gruta da Casa da Moura (Óbidos) (CARDOSO, 2021, Fig. 8, n.º 1). A ser assim, poderia tratar-se da extremidade proximal de um báculo, que numa das faces conservaria vestígios de decoração miúda constituída por triângulos gravados no interior de linhas guia em curva, que não se encontram em geral nas placas de xisto, conservando a outra face decoração ainda mais desgastada não sendo identificável.

A confirmar-se a sua integração no conjunto dos “báculos”, tratar-se-ia de uma nova ocorrência a somar-se aos exemplares do território português recentemente inventariados (CARDOSO, 2021, Quadro 1).

5 – CRONOLOGIA ABSOLUTA

A uma primeira datação absoluta, obtida a partir de uma falange afeiçãoada por polimento, incompleta, de cavalo, publicada recentemente para o estudo dos ídolos-falange calcolíticos (CARDOSO, 2023), cuja cronologia do suporte é incompatível com a da execução da peça, juntam-se agora 14 novas datações, obtidas a partir de restos humanos recolhidos na área escavada por A. do Paço. Para tal, seleccionaram-se amostras do mesmo elemento anatómico para minimizar a possibilidade de haver repetição de resultados respeitantes a um mesmo indivíduo, correspondentes a um conjunto de dez cúbitos direitos e de quatro fémures esquerdos.

As últimas 4 datações apresentadas no QUADRO 7 dizem respeito à “Sala do Ricardo”, também obtidas a partir de restos humanos, recolhidos à superfície da galeria, em três áreas diferenciadas (RODRIGUES & ZILHÃO, 2021). Estas datações, atribuíveis ao Neolítico Médio, comprovam, segundo os autores, que aquela área da cavidade não foi reutilizada durante o Neolítico Final e o Calcolítico, provavelmente devido a episódio de queda de blocos durante a segunda metade do 4.º milénio cal BC, que cerrou o meandro da gruta que antecede a “Sala do Ricardo”.

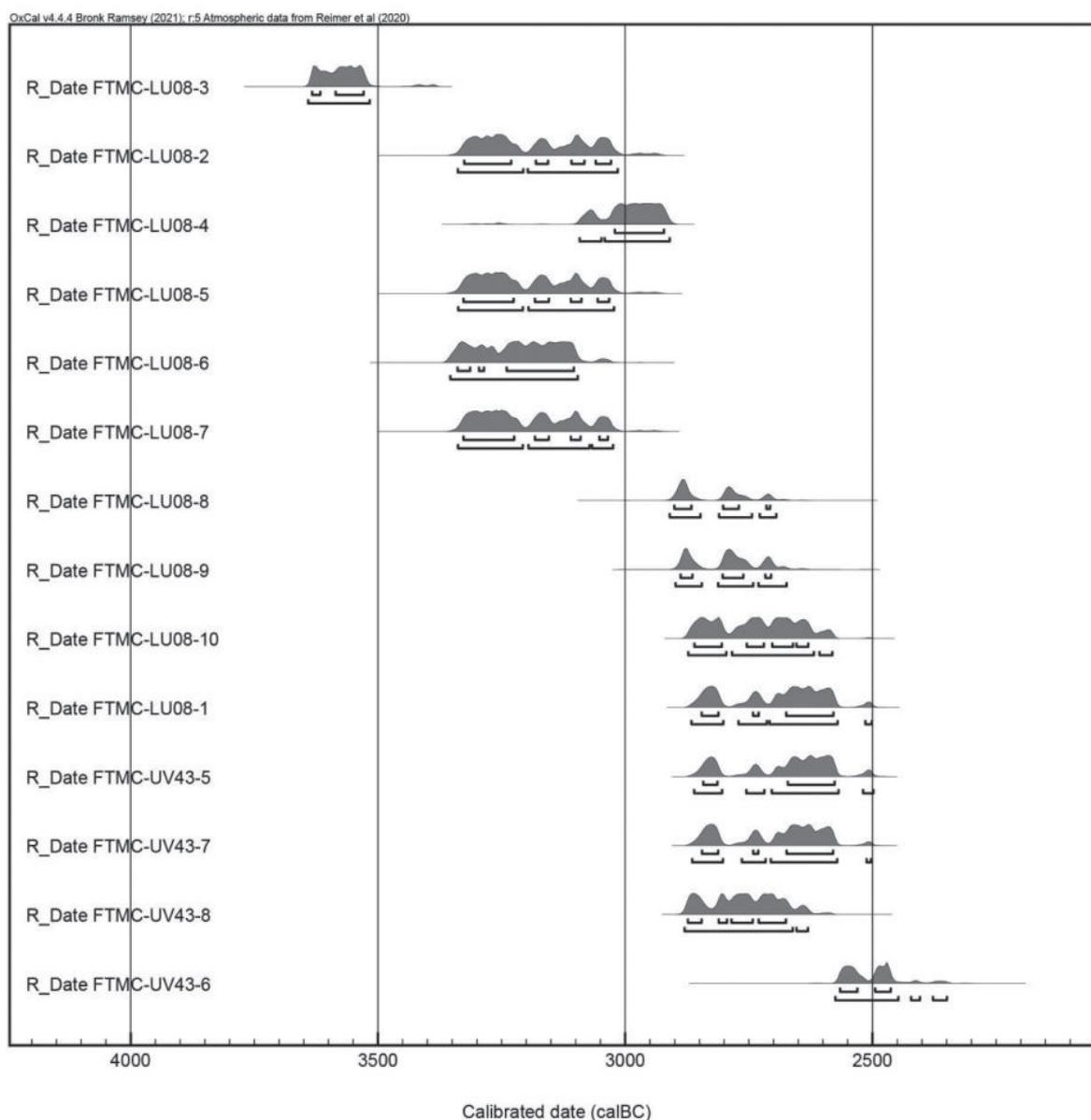
Quadro 7 – Lapa da Bugalheira. Resultados das datações de radiocarbono realizadas.

Ref. ^a Lab.	Referência escavação	Tipo amostra	Idade (BP)	Data cal. (2σ) Cal BC	Bibliografia	
Beta-592531	-	Ídolo-falange (artefacto; <i>Equus caballus</i>)	5210 +/- 30	4055-3958 cal BC (89,4%) 4160-4137 cal BC (5,6%) 4213-4209 cal BC (0,4%)	CARDOSO, 2023	
FTMC-LU08-3	244.1152	Cúbito direto (humano)	4784 +/- 32	3634-3530 cal BC (68,3%) 3642-3517 cal BC (95,4%)	Datações inéditas	
FTMC-LU08-2	244.1151	Cúbito direto (humano)	4459 +/- 32	3326-3029 cal BC (68,3%) 3339-3016 cal BC (95,4%)		
FTMC-LU08-4	244.1116	Cúbito direto (humano)	4379 +/- 32	3022-2922 cal BC (68,3%) 3093-2911 cal BC (95,4%)		
FTMC-LU08-5	244.1129	Cúbito direto (humano)	4465 +/- 31	3328-3033 cal BC (68,3%) 3338-3023 cal BC (95,4%)		
FTMC-LU08-6	244.1118	Cúbito direto (humano)	4504 +/- 31	3340-3104 cal BC (68,3%) 3354-3097 cal BC (95,4%)		
FTMC-LU08-7	244.1136	Cúbito direto (humano)	4467 +/- 30	3328-3036 cal BC (68,3%) 3339-3025 cal BC (95,4%)		
FTMC-LU08-8	244.1108	Cúbito direto (humano)	4230 +/- 33	2901-2708 cal BC (68,3%) 2911-2695 cal BC (95,4%)		
FTMC-LU08-9	244.1139	Cúbito direto (humano)	4208 +/- 30	2889-2706 cal BC (68,3%) 2899-2674 cal BC (95,4%)		
FTMC-LU08-10	244.1109	Cúbito direto (humano)	4135 +/- 31	2861-2631 cal BC (68,3%) 2873-2582 cal BC (95,4%)		
FTMC-LU08-1	244.537	Cúbito direto (humano)	4104 +/- 32	2846-2580 cal BC (68,3%) 2867-2502 cal BC (95,4%)		
FTMC-UV43-5	244.2059	Fémur esquerdo (humano)	4096 +/- 29	2843-2577 cal BC (68,3%) 2861-2499 cal BC (95,4%)		
FTMC-UV43-7	244.497	Fémur esquerdo (humano)	4105 +/- 28	2845-2580 cal BC (68,3%) 2865-2504 cal BC (95,4%)		
FTMC-UV43-8	244.5091	Fémur esquerdo (humano)	4164 +/- 29	2874-2676 cal BC (68,3%) 2881-2631 cal BC (95,4%)		
FTMC-UV43-6	244.1090	Fémur esquerdo (humano)	3974 +/- 31	2566-2464 cal BC (68,3%) 2576-2350 cal BC (95,4%)		
ICEN-739	-	Osso Homo (recolha superfície)	5090 +/- 60	4037-3711 cal BC		ZILHÃO & CARVALHO, 1996
VERA-7231	LpBug_SR2	Fémur humano (recolha superfície)	4910 +/- 40	3775-3637 cal BC		RODRIGUES & ZILHÃO, 2021
VERA-7232	LpBug_SR3	Fémur humano (recolha superfície)	4767 +/- 35	3638-3382 cal BC		
VERA-7233	LpBug_SR3	Fémur humano (recolha superfície)	4857 +/- 41	3710-3528 cal BC		

No respeitante aos resultados agora publicados pela primeira vez, obtidos por intervenção do primeiro signatário, os mesmos foram representados no GRÁFICO 1.

O objectivo de realização deste assinalável conjunto de datações foi o de viabilizar a adequada integração cronológica ao conjunto exumado nas escavações de 1941, já que a presença evidente de espólios do Neolítico Antigo e do Neolítico Final contrastava com as escassas produções reconhecidamente calcolíticas susceptíveis de conferir enquadramento e significado ao notável conjunto votivo constituído pelos ídolos-falange ali depositado.

GRÁFICO 1 – Representação gráfica das distribuições de probabilidade das datas de radiocarbono calibradas da Lapa da Bugalheira inéditas, para a qual se fez uso das curvas IntCal20 e o programa OxCal v4.4.4 (REIMER et al., 2020; BRONK RAMSEY, 2021).



Os resultados das datações de radiocarbono acima apresentadas permitem as seguintes conclusões:

- presença na primeira sala da gruta – a única que foi explorada em 1941 – de um indivíduo cronologicamente reportável ao Neolítico Médio, juntando-se assim aos que foram tumulados na “Sala do Ricardo”, demonstrando assim a presença de tumulações desta época em local onde ainda não tinham sido identificadas;
- cinco indivíduos evidenciam cronologias muito coerentes, respeitantes a toda a segunda metade do 4.º milénio a.C., correspondentes a tumulações realizadas na primeira sala da gruta no decurso do Neolítico Final, associadas à larga maioria dos espólios agora publicados;

- oito indivíduos possuem cronologias mais modernas e também muito coerentes, estatisticamente distintas do conjunto do Neolítico Final, correspondentes a tumulações associadas aos escassos espólios claramente calcolíticos agora publicados. Esta conclusão, ao demonstrar a utilização intensa da gruta como necrópole no decurso da primeira metade do 3.º milénio a.C. permite conferir significado mais preciso ao conjunto dos ídolos-falange que foram encontrados agrupados num dos lados da entrada da gruta, cujo significado foi anteriormente discutido de forma preliminar com os elementos então disponíveis (CARDOSO, 2023). Assim, a formação deste conjunto votivo terá resultado de oferendas depositadas uma a uma aquando da realização das sucessivas cerimónias fúnebres, representando a figura tutelar de cada indivíduo que foi sendo depositado na gruta. Esta alternativa tem apoio nos resultados cronométricos e arqueológicos agora publicados, que lhe conferem robustez e coerência.

6 - DISCUSSÃO E SÍNTESE CONCLUSIVA

1 – A análise tipológica dos espólios recolhidos, aliada aos resultados obtidos pelo radiocarbono a partir de restos humanos, vieram demonstrar que a Lapa da Bugalheira foi utilizada como necrópole em momentos cronológico-culturais sucessivos, todos eles bem representados em diversos sectores da gruta, integrados no Neolítico Antigo, Neolítico Médio, Neolítico Final e Calcolítico, configurando deste modo uma importante necrópole da Estremadura. De facto, ainda que a quantidade dos espólios seja diminuta, foram suficientes para demonstrar a riqueza e diversidade das suas sucessivas utilizações, agora claramente comprovadas, sublinhadas pela importância dos restos humanos conservados, infelizmente em estado muito fragmentário, conforme tinha sido já assinalado pelos seus primitivos exploradores.

Do ponto de vista arqueológico, registam-se as seguintes conclusões mais relevantes:

- confirmação da importância do conjunto de produções cerâmicas do Neolítico Antigo, especialmente cerâmicas decoradas, embora sem equivalência nas datações obtidas, o qual deverá ser lido em conjunto com os materiais que têm vindo a ser exumados no âmbito das novas escavações presentemente em curso. Estas deverão ser acompanhadas por alguns artefactos de pedra polida difíceis de separar das produções mais modernas, o mesmo se verificando com alguns produtos alongados, com raras possíveis excepções, como a presença de um grande crescente de sílex;

- o conjunto de espólios cerâmicos do Neolítico Médio foi isolado de acordo com a tipologia conhecida para certas produções consideradas características, com destaque para os recipientes com sulco simples abaixo do bordo. Ao contrário do verificado para o conjunto do Neolítico Antigo, foi possível associar uma tumulação a estes espólios, comprovando que foram realizadas, ainda que pontualmente, sepulturas nesta época na sala de entrada da gruta, e não apenas na “Sala do Ricardo”, mais no interior da cavidade. Tais tumulações podem, por sua vez, relacionar-se com os depósitos de lâminas sem retoques, referidos pelos escavadores no seu artigo de 1971 como existentes ao longo da parede norte da cavidade em locais assinalados na respectiva planta, as quais são muito semelhantes às identificadas na gruta de Alcobertas, Rio Maior.

- avulta o conjunto, muito expressivo e coerente, dos espólios atribuíveis ao Neolítico Final, conforme anteriormente já tinha sido constatado, incluindo exemplares muito raros, como o fragmento de possível báculo de xisto o qual, como é norma nos escassos exemplares conhecidos na Estremadura, se encontra decorado de ambos os lados. Importante é, também a ocorrência de recipientes carenados do Neolítico Final munidos de representações simbólicas, como é o caso do par de pequenos mamilos existente num deles. Outros exem-

plares ostentam uma canelura abaixo do bordo (Fig. 24, n.º 2). Tal pormenor poderá configurar elo de ligação com as produções do Neolítico Médio, caracterizadas precisamente pela presença de caneluras abaixo do bordo.

Porém, a particularidade de ocorrerem taças carenadas formalmente integráveis no Neolítico Final munidas de uma canelura abaixo do bordo, poderá interpretar-se, em alternativa, como o prenúncio da produção de copos canelados, característicos do Calcolítico Inicial da Estremadura. Aliás, é muito sugestivo a tal propósito o facto de se ter recolhido um exemplar de copo canelado formalmente calcolítico possuindo apenas uma canelura abaixo do bordo (Fig. 24, n.º 4), com evidentes semelhanças formais com as duas taças carenadas possuindo exactamente o mesmo tipo de decoração;

– o conjunto calcolítico, ainda que escasso de exemplares característicos, corresponde a um assinalável número de tumulações, todas elas datadas coerentemente da primeira metade do 3.º milénio BC. Reconheceram-se padrões decorativos particulares, integrados no conjunto das decorações caneladas do Calcolítico Inicial, com paralelos em Vila Nova de São Pedro e em Leceia. Ao Calcolítico Pleno/Final pertence um conjunto assinalável de recipientes campaniformes lisos acompanhados de um fragmento de braçal de arqueiro de arenito. A ausência de produções campaniformes decoradas é explicável pela sua sabida rarefacção nos domínios mais setentrionais da Estremadura. Uma ponta de seta de sílex jaspoide identificada inscreve-se na circulação transregional de matérias-primas, neste caso de origem alentejana, que poderia acompanhar o abastecimento da região de cobre, já sob a forma de lingotes. Do mesmo modo se explica a presença de anfíbolitos, com origem na zona de Ossa Morena e de xistos siliciosos, do grupo dos “xistos verdes” e vulcanitos, com origem na zona sul-portuguesa, uns e outros utilizados para o fabrico de lâminas de machados e de enxós, cuja presença na Estremadura remonta ao Neolítico Médio. No capítulo das produções simbólicas, é de destacar o pormenor da pequeníssima representação solar presente em fragmento de placa de xisto, claramente adicionada à iconografia do objecto inicial, o que é compatível com a cronologia já plenamente calcolítica deste tipo de representações. A pequenez da representação, sublinha o cunho simbólico de esta representação, destinada a ser conhecida apenas de alguns, eventualmente apenas do artífice que a executou. Neste aspecto, tem paralelo no exemplar recolhido no povoado calcolítico de Santa Justa (Alcoutim);

– a conclusão geral que se obtém do estudo arqueológico do conjunto dos espólios recolhidos é o de corresponderem a necrópole com três fases de ocupação bem diferenciadas, acima enunciadas, possuindo em algumas outras grutas sepulcrais da Estremadura estreitos paralelos pela diacronia também nelas verificadas, com destaque para as grutas da região de Alcobça, estudadas por um dos pioneiros da arqueologia regional portuguesa Manuel Vieira Natividade e que mereciam novo estudo de natureza sistemática, à semelhança do que agora se publica.

2 – Pela raridade da sua ocorrência em ambientes funerários, importa valorizar a presença de elementos de moagem de grandes dimensões, aparentemente concentrados num local junto à parede sul da cavidade, por configurarem provavelmente o uso ritual de tais artefactos, como oferendas aos defuntos, afastada a hipótese de utilização doméstica da gruta, dado o carácter funerário das sucessivas ocupações pré-históricas nela identificadas. Deste modo, o significado destes exemplares é compaginável com a larga maioria do espólio funerário recolhido, designadamente os artefactos funcionais de pedra polida.

3 – Sendo objectivo primordial deste estudo averiguar a importância da utilização funerária da gruta no decurso do Calcolítico, por forma a conferir ao conjunto dos ídolos-falange com aquela cronologia o necessário contexto, foi possível concluir, pelo assinalável número de tumulações então ali efectuadas, comprovadas pelos

resultados das datações de radiocarbono, que aqueles ídolos-falange poderiam constituir oferendas efectuadas pela comunidade aquando da realização de cada uma das cerimónias fúnebres ali realizadas.

4 – Tais exemplares, que corporizavam a Deusa calcolítica, por vezes com a exteriorização dos seus atributos antropomórficos, como se verifica em dois exemplares decorados recolhidos no centro da gruta, corporizavam também o espírito protector conferido a cada um dos inumados. Assim sendo, o conjunto constituído pelas nove falanges lisas poderia relacionar-se com nove dos inumados na primeira sala da gruta no decurso da primeira metade do 3.º milénio a.C., pese embora o número original daqueles fosse, naturalmente, mais elevado.

5 – Estar-se-ia assim não perante um altar na acepção restrita do termo, mas antes perante uma acumulação resultante de sucessivas oferendas com carácter propiciatório ou protector dos mortos, de certo modo configurando uma prática não muito distinta, tanto na forma como no conteúdo, das oferendas e ex-votos patentes em muitos dos templos católicos do território português, cuja pratica se prolongou até à actualidade.

AGRADECIMENTOS

Ao Engenheiro J. Sequeira e ao Dr. J. A. Anacleto, respectivamente, pelo apoio ao estudo dos espólios da Lapa da Bugalheira conservados no Museu Geológico do LNEG.

Ao Doutor A. M. Monge Soares, pela prestimosa colaboração prestada na calibração das datas de radiocarbono publicadas e sua representação gráfica.

REFERÊNCIAS

- ARNAUD, J. M. & FERNANDES, C. V. (2005) – *Construindo a Memória. As colecções do Museu Arqueológico do Carmo*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- CARDOSO, J. L. (1980) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 1ª parte. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 90, p. 211-304.
- CARDOSO, J. L. (1981) – O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2ª parte. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 91, p. 120-233.
- CARDOSO, J. L. (1992) – A Lapa do Bugio. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 9/10, p. 89-225.
- CARDOSO, J. L. (1997) – *O povoado de Leceia, sentinela do Tejo no terceiro milénio antes de Cristo*. Lisboa/Oeiras: Museu Nacional de Arqueologia/Câmara Municipal de Oeiras.
- CARDOSO, J. L. (2007) – As cerâmicas decoradas pré-campaniformes do povoado pré-histórico de Leceia: suas características e distribuição estratigráfica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 14, p. 9-276.
- CARDOSO, J. L. (2010-2011) – O povoado calcolítico da Penha Verde (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 467-551.
- CARDOSO, J. L. (2014) – Polished stone tools. In CARVALHO, A. F., ed., *Bom Santo cave (Lisbon) and the Middle Neolithic societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve, p. 185-194 (Promontoria Monográfica, 17).
- CARDOSO, J. L. (2019) – Outeiro Redondo – Sesimbra – escavações 2005-2016. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 25, p. 87-338.
- CARDOSO, J. L. (2020) – A necrópole da gruta das Alcobertas (Rio Maior) e a sua importância para o conhecimento do Neolítico Médio em Portugal, *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 27, p. 117-140.

- CARDOSO, J. L. (2021) – Os “báculos” das sociedades agropastoris do sul do território português (último quartel do 4.º milénio/inícios do 3.º milénio a.C.). In P. Bueno Ramírez & Jorge A. Soler Díaz (coord. cient.), *Ídolos Olhares milenares. O estado da arte em Portugal*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia/Imprensa Nacional, p. 171-199.
- CARDOSO, J. L. (2023) – Os ídolos-falange calcolíticos da Lapa da Bugalheira (Torres Novas), *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 32, p. 131-154.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2008) – A Gruta do Lugar do Canto (Alcanede) e sua importância no faseamento do Neolítico no território português. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 16, p. 269-300.
- CARDOSO, J. L. & CARVALHO, A. F. (2010/2011) – A Gruta da Furninha (Peniche): Estudo dos espólios da necrópole neolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 18, p. 333-392.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2013) – O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo dos utensílios de pedra lascada. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 20, p. 357-524.
- CARDOSO, J. L. & MARTINS, F. (2018) – A ocupação do Neolítico Antigo da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 24, p. 99-124.
- CARDOSO, J. L. & SOARES, A. M. Monge (1995) – Sobre a cronologia absoluta das grutas artificiais da Estremadura portuguesa. *Al-Madan*. Almada. Série II, 4, p. 10-13.
- CARDOSO, J. L. & VILAÇA, R. (2020) – Uma placa de xisto reaproveitada da Lapa do Fumo (Sesimbra). *Akra Barbarion*. Sesimbra. 4, p. 13-30.
- CARDOSO, J. L.; LEITÃO, M.; FERREIRA, O. da V.; NORTH, C. T.; NORTON, J., MEDEIROS, J. & SOUSA, P. F. (1996) – O monumento pré-histórico de Tituaria, Moinhos da Casela (Mafra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, Oeiras. 6, p. 135-193.
- CARREIRA, J. R. & CARDOSO, J. L. (2001/2002) – A gruta da Casa da Moura (Cesareda, Óbidos) e sua ocupação pós-paleolítica. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras. 10, p. 249-361.
- CARVALHO, A. F. & GIBAJA, J. F. (2014) – Knapped stone tools, In CARVALHO, A. F. (ed.), *Bom Santo Cave (Lisbon) and the Middle Neolithic Societies of Southern Portugal*. Faro: Universidade do Algarve, p. 173-184 (Promontoria Monográfica, 17).
- COSTEIRA, C. (2017) – Reflexão acerca dos cossoiros e da fiação nos contextos calcolíticos do Sudoeste da Península Ibérica, partindo do sítio de São Pedro (Redondo). *Arqueologia em Portugal. 2017 – estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 671-686.
- FERREIRA, O. da Veiga (1957) – Tipos de punhal lítico da coleção dos Serviços Geológicos de Portugal. *Revista de Guimarães*. Guimarães. 67 (2/2), p. 185-191
- FURTADO, A.; MAURÍCIO, A.; CORTES, V. & MONTEIRO, J. A. (1969) – Lapa do Suão (Bombarral). *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 3, p. 63-69.
- GOMES, M. H. M. (2022) – *População do 4.º/3.º milénio a.C. da Lapa da Bugalheira, Torres Novas*. Dissertação de Mestrado em Evolução e Biologia Humanas apresentada à Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.
- GONÇALVES, V. S. (1978) – *A neolitização e o megalitismo da região de Alcobaca*. Lisboa: Secretaria de Estado da Cultura.
- GONÇALVES, V. S. (1989) – *Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental uma aproximação integrada*. Lisboa: INIC/Centro de História da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, 2.
- GONÇALVES, V. S. (2004) – Manifestações do sagrado na Pré-história do Ocidente peninsular. 5. O explícito e o implícito: breve dissertação, invocando os limites fluidos do figurativo, a propósito do significado das placas de xisto gravadas do terceiro milénio a.n.e. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa. 7 (1), p. 165-183.
- JALHAY, E. & PAÇO, A. do (1945) – El castro de Vilanova de San Pedro. *Actas y Memorias de la Sociedad Española de Antropología, Etnografía y Prehistoria*. Madrid. 20, p. 55-141.

- LEISNER, V. (1965) – *Die Megalithgräber der Iberischen Halbinsel. Der Westen*. Berlin: Walter de Gruyter & Co. Tafeln (Deutsches Archäologisches Institut – Abteilung Madrid).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1961) – *Les grottes artificielles de Casal do Pardo (Palmela) et la culture du vase campaniforme*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (memória n.º 8 – nova série).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maçãs et de Casainhos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º 16 – nova série).
- LEISNER, V.; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – *Les monuments préhistoriques de Praia das Maçãs et de Casainhos*. Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal (Memória n.º 16 – nova série).
- NEVES, C. (2018) – *O Neolítico Médio no Ocidente Peninsular: o sítio da Moita do Ourives (Benavente), no quadro do povoamento do 5.º e 4.º milénio AC*. Tese apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa para obter o grau de Doutor no ramo de História, especialidade de Pré-História. 2 vols.
- NUNES, A. (2010/2011) – *Estudo dos materiais de carácter votivo proveniente da Sala do Ricardo, na Lapa da Bugalheira (Torres Novas)*. Relatório do Seminário do Curso de Licenciatura em Arqueologia. Faro: Faculdade de Ciências Humanas e Sociais da Universidade do Algarve.
- PAÇO, A. do (1958) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. X – Campanha de escavações de 1956 (20.^a) (aditamento: campanhas de escavações de 1952, 1953 e 1954 – 16.^a, 17.^a e 18.^a). *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. Série II, 8, p. 43-91.
- PAÇO, A. do (1960) – Castro de Vila Nova de S. Pedro. XII Alguns objectos de osso e marfim. *Zephyrus*. Salamanca. 11 (1/2), p. 105-117.
- PAÇO, A. do (1964) – *Povoado pré-histórico da Parede (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal de Cascais.
- PAÇO, A. do (1966) – Castelo da Pedra de Ouro. *Anais da Academia Portuguesa da História*. Lisboa. II Série, 16, p. 117-152.
- PAÇO, A. do; VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1942) – Nota sobre a Lapa Bugalheira. *I Congresso Nacional de Ciências Naturais (Lisboa, 1941)*. Actas. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, 2, p. 116-119.
- PAÇO, A. do; VAULTIER, M. & ZBYSZEWSKI, G. (1956) – Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *XXIII Congresso Luso-Espanhol (Coimbra, 1956)*. Actas. Coimbra: Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências, 8, p. 355.
- PAÇO, A. do; ZBYSZEWSKI, G. & FERREIRA, O. da Veiga (1971) – Resultados das escavações na Lapa da Bugalheira (Torres Novas). *Comunicações dos Serviços Geológicos de Portugal*. Lisboa. 55, p. 23-47.
- RODRIGUES F. & ZILHÃO, J. (2021) – *O conjunto artefactual do Neolítico Médio da Sala do Ricardo, Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas)*. In GONÇALVES, V. S., ed. (2021) – Terra e Sal. Das antigas sociedades camponesas ao fim dos tempos modernos. Estudos oferecidos a Carlos Tavares da Silva. Lisboa: Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (UNIARQ), p. 153-162 (Estudos & Memórias 16).
- RODRIGUES F.; SOUTO, P.; FERREIRA, A.; VARANDA, A.; GOMES, L.; GOMES, H. & ZILHÃO, J. (2020) – Novos trabalhos na Lapa da Bugalheira (Almonda, Torres Novas). *Arqueologia em Portugal. 2020 – estado da questão*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 823-835.
- SANTOS, M. Farinha dos & FERREIRA, O. da Veiga (1969) – O monumento eneolítico de Santiago do Escoural. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série III, 3, p. 37-62.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1976/1977) – Contribuição para o conhecimento dos povoados calcólicos do Baixo Alentejo e Algarve. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 2/3, p. 179-267.
- SPINDLER, K. & FERREIRA, O. da Veiga (1974) – Das vorgeschichtliche fundmaterial aus der Gruta do Carvalhal – Portugal. *Madriider Mitteilungen*. Heidelberg. 15, p. 28-57.
- SPINDLER, K. & TRINDADE, L. (1970) – A póvoa eneolítica do Penedo – Torres Vedras. *I Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1969)*. Actas, Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. 2, p. 59-198.
- ZILHÃO, J.; CARVALHO, A. F. (1996) – O Neolítico do Maciço Calcário Estremenho. Crono-estratigrafia e povoamento. In *Actes I Congrès del Neolític a la Península Ibérica 2*, Gavà. Museu de Gavà, p. 659-671.